

# **Afeganistão: entendendo (e não) o Talibã**

*Contradições de classe, opressão feminina e resistência anti-imperialista*

*Um livreto (com 5 tabelas) de Michael Pröbsting, Secretário Internacional da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI/RCIT), 10 de setembro de 2021,*

[www.thecommunists.net](http://www.thecommunists.net)

## **Conteúdo**

### **Introdução**

**Ignorando as Diferenças no Caráter de Classe dos Países**

**Eram os Talibãs Agentes de ...?**

**Talibã "Feudal"?**

**Propriedade da Terra e Relações de Classe na Agricultura do Afeganistão**

**As Mulheres Afegãs se Beneficiaram com a Ocupação Americana?**

**Uma Reflexão: O Aumento do Cultivo de Ópio no Afeganistão Após a Derrubada do Talibã em 2001**

**A Opressão das Mulheres: O Exemplo do Casamento Infantil**

**O Estupro Sistemático de Mulheres e Crianças: Os Senhores da Guerra e seus Protetores Americanos**

**O Taleban: Um Movimento Nacionalista Islâmico Pequeno-burguês Enraizado Entre os Pobres Rurais**

**Uma Reflexão: A Retórica Islâmica-Nacionalista do Talibã em suas Próprias Palavras**

**Uma Base Popular como Resultado de Duas Décadas de Luta Anticolonial**

**Afeganistão 2021: Uma Derrota Histórica do Imperialismo Ocidental por Uma Luta de Guerrilha Popular**

**Conclusões**

## **Lista de tabelas**

Tabela 1. Afeganistão: Distribuição Percentual de Fazendas e Terras Aráveis por Tamanho de Fazenda, 2002-03

Tabela 2. Número e Área de Fazendas por Classe de Tamanho de Terra no Sul da Ásia e na África Subsaariana

Tabela 3. Produção de Ópio no Afeganistão, 1999-2020 (em Toneladas Métricas)

Tabela 4. Casamento Infantil em Países Selecionados da Ásia e da África, 2001

Tabela 5. 20 Principais Países com Taxas Mais Altas de Prevalência de Casamento Infantil, 2020

## Introdução

O caráter histórico dos acontecimentos pode ser visto em como eles dão forma e refletem desenvolvimentos profundos na política mundial. A CCRI assinalou durante vários anos que o imperialismo dos EUA, com hegemonia mundial de longa data, está em um período de declínio. Esse processo causa instabilidade global, enfraquece os regimes aliados dos EUA e abre espaço para novas grandes potências como a China e a Rússia. [1] O fato de Washington ter perdido para um movimento de guerrilha popular em um país muito menor e mais pobre, apesar de 20 anos de ocupação, de gastar US \$ 2,26 trilhões e de ter enviado um total de mais de 775.000 soldados desde 2001 [2] , e tal fato reflete e simboliza tal declínio.

Essas convulsões históricas também destacam o caráter político das autoproclamadas organizações socialistas. Elas entendem a natureza do evento e a dinâmica histórica subjacente, elas podem resistir à pressão da opinião pública burguesa e da intelectualidade pequeno-burguesa, elas são capazes de ficar do lado direito da barricada?

Uma pessoa ingênua pode pensar que o que quase todos os observadores descrevem como a pior e mais humilhante derrota do imperialismo dos Estados Unidos desde a Guerra do Vietnã em 1975 poderia provocar apenas alegria entre as forças de esquerda. No entanto, na verdade, o oposto é verdadeiro. A maioria das organizações ditas "socialistas" caracterizam a vitória da resistência popular após 20 anos de luta guerrilheira contra a ocupação imperialista não apenas como um desastre para os Estados Unidos, mas também como um desastre para o povo afegão. Na verdade, muitos sugerem que o povo afegão teria ficado melhor sob a ocupação imperialista do que sob o Talibã.

Tudo isso reflete a grande extensão da adaptação oportunista de grandes setores da chamada "esquerda" perante a opinião pública da classe dominante. Assim, eventos históricos como os do Afeganistão têm a vantagem de não apenas revelar a dinâmica da luta de classes global, mas também expor a natureza das organizações "socialistas."

Essas organizações de "esquerda" geralmente justificam sua hostilidade à vitória do Taleban referindo-se a sua política reacionária contra as mulheres, assim como a sua visão islâmica fundamentalista. Claro, a Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI) e sua organização antecessora estiveram plenamente cientes da política reacionária do Talibã desde seu surgimento em meados da década de 1990. Portanto, sempre diferenciamos entre o apoio à luta militar do Talibã por forças não revolucionárias contra as forças imperialistas e oposição intransigente contra seu programa político. No outono de 2001, pouco antes de os imperialistas iniciarem a invasão do Afeganistão, dissemos: *"Temos que deixar claro que nesta guerra queremos ver derrotada a coalizão imperialista, e isso significa apoiar toda a resistência militar afegã contra o imperialismo, incluindo a resistência talibã."* [3] *"Em caso de ataque imperialista, a CCRI defende claramente a vitória militar de todas as forças afegãs que resistem à ofensiva dos Estados Unidos e do Reino Unido. Isso inclui as forças do Taleban se resistirem à ofensiva imperialista. Isso não implica de forma alguma apoio político ao regime profundamente reacionário do Taleban ou às políticas terroristas de Osama bin Laden e da organização Al-Qaeda."* [4]

Em contraste com aqueles com corações e mentes fracos, não mudamos nosso rumo e defendemos os princípios marxistas do anti-imperialismo como fizemos em 2001 e todos os anos depois. O objetivo desse livreto em questão é abordar alguns dos argumentos mais importantes que foram apresentados contra a abordagem marxista da luta anticolonial do povo afegão. Estamos convencidos de que muitas de nossas críticas bem-intencionadas não aplicam ou não aplicam suficientemente o método marxista aos eventos atuais no Afeganistão. Eles também não abordam o Taleban ou os desenvolvimentos políticos e sociais no Afeganistão em geral de uma forma abrangente, mas tendem para o preconceito e a distorção. Portanto, pensamos que, para corrigir erros e exageros, é urgente elaborar uma análise dialética e materialista de uma série de questões que estão no centro da polêmica por parte de nossos oponentes.

A seguir, nos aprofundaremos na abordagem marxista do caráter de classe dos Estados, explicando a diferença crucial entre os países imperialistas e semicoloniais. Discutiremos as relações de classe concretas no interior do Afeganistão e o que isso significa para a composição de classes do Taleban. Abordaremos vários aspectos da opressão das mulheres neste país e como isso se relaciona com a política do Taleban. Discutiremos a diferença entre o Taleban e os ocupantes em sua política em relação à produção de ópio. Por fim, discutiremos alguns aspectos da orientação política e da base social desse movimento, assim como a dimensão histórica da atual derrota dos imperialistas ocidentais no Afeganistão.

Ao nos concentrarmos na discussão dessas questões, não repetiremos em detalhes nossa análise dos eventos atuais e das consequências estratégicas e táticas para os revolucionários. A CCRI fez isso extensivamente em uma série de declarações e artigos que publicamos nas últimas semanas que devem ser lidos além deste folheto. [5]

### **Ignorando as Diferenças no Caráter de Classe dos Países**

Uma falha política fundamental que quase todas as organizações socialistas têm em comum é sua completa incapacidade de analisar e reconhecer o caráter de classe das forças envolvidas na ocupação do Afeganistão e a resistência contra ela. É verdade que é prática comum entre as organizações de esquerda falar em "*imperialismo americano e ocidental*." Em tempos de politicamente correto, até mesmo alguns jornalistas convencionais aceitam essa terminologia. No entanto, geralmente todas essas pessoas usam a categoria de "imperialismo" apenas de maneira liberal, sem seu significado na teoria marxista.

A CCRI é um defensor ferrenho do conceito marxista de imperialismo. Lenin, Trotsky e muitos outros marxistas ortodoxos explicaram que o mundo está dividido entre um pequeno número de estados imperialistas e a maioria da população mundial que vive em países dependentes - coloniais ou semicoloniais.

*"Em oposição a esta utopia pequeno-burguesa oportunista, o programa da social-democracia deve postular a divisão das nações em opressores e oprimidos, como um fato essencial, fundamental e inevitável sob o imperialismo".* [6]

Noutro artigo, Lenin repete esta ideia que mais tarde se tornou um pilar fundamental do programa da Internacional Comunista: *“O imperialismo é a opressão crescente das nações do mundo por um punhado de grandes potências (...) ponto central no programa social-democrata deve ser a divisão das nações em opressores e oprimidos, uma divisão que constitui a essência do imperialismo e que os social-chauvinistas e Kautsky enganosamente evitam. Esta divisão não é importante do ponto de vista do pacifismo burguês ou da utopia pequeno-burguesa da competição pacífica das nações independentes no regime capitalista, mas é essencial do ponto de vista da luta revolucionária contra o imperialismo.”* [7]

Portanto, o imperialismo é um sistema global no qual todas as nações, de uma forma ou de outra, estão interconectadas entre si e no qual alguns estados imperialistas e suas corporações capitalistas dominam a economia e a política mundiais. Esses monopólios e potências imperialistas dominam e exploram em excesso a maioria da população mundial que vive em estados e nações semicoloniais. Como analisamos o imperialismo moderno em grande detalhe em dois livros e vários folhetos, não entraremos em maiores detalhes aqui. [8]

Além disso, neste ponto não é necessário explicar porque consideramos os Estados Unidos como uma rica potência imperialista e o Afeganistão como uma pobre semicolônia capitalista (na verdade, esteve sendo mais como uma colônia nas últimas duas décadas).

Estamos cientes de que uma corrente de teóricos marxistas apoia a teoria do chamado “subimperialismo.” Embora rejeitemos essa teoria, como explicamos em várias ocasiões, [9] não achamos necessário abordar esse conceito neste lugar, uma vez que não há um único defensor dessa teoria que afirme que o Afeganistão pertence a esta categoria.

Portanto, a guerra dos Estados Unidos e outros estados da OTAN contra o Afeganistão em 2001 e a subsequente ocupação do país foi uma forma clássica de agressão imperialista contra um país pobre. Por 20 anos, o Afeganistão foi transformado em uma colônia na qual os Estados Unidos e seus aliados ocidentais dominaram o país, criaram uma administração subordinada e armavam, treinavam e lideravam as forças auxiliares locais (erroneamente chamadas de "Exército Nacional Afegão"). Assim, as forças dos EUA e da OTAN representavam as potências imperialistas ocidentais e seus colaboradores afegãos eram subordinados coloniais, semelhantes aos servos locais que existiam no Império Britânico, no Império colonial francês e na ocupação alemã da Europa em 1939 -1945.

Em suma, as potências americanas e europeias têm um caráter de classe muito diferente do Afeganistão. Enquanto os primeiros são estados capitalistas dominantes, isto é, estados imperialistas, o último é um país capitalista dependente, ou seja, um estado semicolonial. Ignorar essa diferença decisiva de caráter de classe entre esses dois lados nesta guerra é inadmissível para quem se considera um marxista!

Portanto, a resistência à ocupação dos Estados Unidos e da OTAN, a luta para expulsar os senhores ocidentais de um país pobre semicolonial, teve por sua própria natureza um caráter anticolonial e anti-imperialista. Em primeiro lugar, a luta de guerrilha, liderada pelo Talibã, foi objetivamente dirigida contra os ocupantes. Em segundo lugar, a principal razão pela qual muitas pessoas apoiaram esta luta foi precisamente porque todos queriam expulsar os invasores imperialistas. E, em terceiro lugar, esse caráter anti-imperialista também se refletiu na retórica nacionalista-islâmica do Talibã, como veremos a seguir.

## Eram os Talibãs Agentes de ...?

Teoricamente, pode-se argumentar contra nossa avaliação de que o Taleban teria sido representante de outra potência imperialista (por exemplo, China ou Rússia). Mas obviamente isso é um absurdo, já que o Taleban nunca teve relações particularmente estreitas com essas potências ou recebeu qualquer apoio material significativo para elas. As relações com a Rússia foram, para dizer o mínimo, prejudicadas pela invasão soviética na década de 1980. E as relações com Pequim também não foram particularmente estreitas, como se reflete no fato de que o Movimento Islâmico do Turquestão Oriental - uma organização guerrilheira islâmica armada do Uigures na China, enfrentando terrível opressão do regime capitalista stalinista - mantém relações estreitas com o Talibã há décadas. Não é novidade que quase nenhuma pessoa séria afirma que o Taleban teria sido agentes de chineses ou russos.

Vários estalinistas e pessoas com ideias semelhantes sugerem que o Taleban pode ter sido agente do imperialismo norte-americano. Obviamente, esta é uma teoria estranha que faz dos maníacos QAnon parecerem pessoas razoáveis! É verdade que o Taleban tinha algumas conexões com os Estados Unidos no final da década de 1990. Mas obviamente isso se transformou em uma relação hostil depois de 2001. Caso contrário, se o Taleban tivesse sido um agente leal do imperialismo dos EUA, por que Washington teria bombardeado, invadido e ocupado o país? E como esses loucos explicam que as forças dos Estados Unidos e da OTAN mataram - de acordo com os últimos cálculos da US Brown University - 85.731 guerrilheiros no Afeganistão e no Paquistão desde outubro de 2001 - dos quais a maioria era filiada ao Taleban? [10]

Outra objeção de vários estalinistas é que o Taleban tinha o apoio ou eram até agentes do ISI, o serviço secreto do Paquistão. Embora certamente haja (ou houvesse) algumas conexões, esse é, no entanto, um argumento totalmente sem sentido. Primeiro, o Paquistão é um país semicolonial, não um estado imperialista. Portanto, mesmo que fosse verdade que os talibãs fossem representantes do Paquistão, isso não alteraria o caráter de classe da guerra, pois ainda seria um conflito entre as forças que representam os países imperialistas e os semicoloniais. Em segundo lugar, o Paquistão é um país capitalista dependente que é um aliado próximo dos Estados Unidos há muito tempo. No entanto, nas últimas décadas, ele se alinhou cada vez mais com o imperialismo chinês. [11] Em todo caso, é óbvio que o aparato de estado do Paquistão se acomodou antes de mais nada aos interesses de Washington (e Pequim), mas não aos interesses do Talibã!

Terceiro, e mais importante, é claro que esse apoio se limitou a fornecer refúgio, dar dinheiro, algumas armas, etc. Nunca se transformou em apoio militar sério. Caso contrário, o Talibã teria armas ou mísseis antiaéreos (como foi o caso dos Mujahideen que lutaram contra o PDAP / forças soviéticas na década de 1980 que obtiveram mísseis Stinger da CIA). Em contraste, o Talibã não tinha armas modernas, nem mesmo tinha uniforme e, muitas vezes, não tinha botas! Sr. e Sra. estalinistas, pensem bem: o quanto sério poderia ter sido o apoio do ISI do Paquistão ao Talibã ?!

Por fim, acrescentamos que é claro que as coisas podem mudar no futuro. Por exemplo, se o Afeganistão se tornar totalmente integrado à China através da chamada *Nova Rota da Seda* (*Belt and Road Initiative*) e se subordinar aos interesses políticos e econômicos de Pequim, o Taleban pode se tornar uma espécie de agente do imperialismo chinês. Mas isto é um exercício de futurologia e tal avaliação só pode ser derivada de uma análise concreta.

## Talibã "Feudal"?

Tendo estabelecido o caráter de classe dos países imperialistas ocidentais e do Afeganistão, agora temos que lidar com o caráter das forças envolvidas na guerra. No caso das tropas dos EUA e da OTAN, isso é bastante simples. Estas são as forças armadas oficiais das grandes potências imperialistas ocidentais. A administração em Cabul e seu "exército" foram os colaboradores desses senhores coloniais.

Que forças de classe o Talibã representa? Normalmente os estalinistas e os pseudo-trotskistas não respondem a esta pergunta que, ao que parece, não deveria ser secundária para um marxista! Nossos oponentes gritam: Os talibãs são "forças medievais", "ultrarreacionários", "feudais" e assim por diante. Embora essas categorias contenham um elemento de verdade, elas não ajudam a compreender tal fenômeno político. Basicamente, essas são estigmatizações um tanto inúteis resultantes da escola imperialista clássica do Orientalismo que Edward Said uma vez demoliu tão bem, mas ainda permanece bastante popular entre os liberais de classe média e seus papagaios de "esquerda." [12]

Para abordar a natureza política do Taleban, devemos analisar sua base social e as estruturas socioeconômicas onde existem. Muitos esquerdistas afirmam que o Afeganistão seria uma espécie de país *feudal* ou que pelo menos o campo, onde vive  $\frac{3}{4}$  da população, teria esse caráter *pré-capitalista*.. Tal suposição é geralmente feita, deliberadamente ou não, para justificar o apoio às forças "modernas" (burguesas) que poderiam ajudar a eliminar essas características pré-capitalistas. Esta é a razão pela qual muitos liberais e "esquerdistas" simpatizam implicitamente com a ocupação imperialista. É verdade que eles estão dispostos a admitir que os americanos perseguem seus interesses capitalistas. Mas objetivamente, de acordo com seu argumento, eles poderiam ajudar a modernizar "este país medieval." Bem, isso realmente não funcionou, você não acha, após 20 anos de ocupação imperialista? Após duas décadas de "modernização" imperialista, a principal "indústria" do Afeganistão é ... a produção de ópio! Finalmente, os camponeses "atrasados" mostraram ao mundo o que pensam sobre esses benefícios ocidentais e enviaram os Senhores do Poder e do Dinheiro armados com alta tecnologia.

## Propriedade da Terra e Relações de Classe na Agricultura do Afeganistão

Para abordar o caráter de classe da base social do movimento Talibã, devemos analisar as relações econômicas nas áreas rurais onde vive a maioria dos afegãos. É importante eliminar o mito de que o interior do Afeganistão seria dominado pelas relações de classe feudais. As reformas agrárias do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 e décadas de guerras civis impediram a existência de relações sociais em que grandes proprietários de terras controlam grandes extensões de terra e a maioria dos camponeses ganha a vida como meeiros ou arrendatários de suas terras. Na verdade, a maioria dos camponeses afegãos possui um pequeno pedaço de terra. Um pesquisador conclui: "*A prevalência da propriedade aumentou de cerca de 60% dos agricultores em alguns relatórios nas décadas de 1960 e 1970 para mais de 90% em 2003. A maioria dos locatários também são proprietários. De uma situação anteriormente descrita como "poucos proprietários, muitos inquilinos", surgiu uma nova situação com muitos proprietários e*

*poucos inquilinos. A partilha (ou, em alguns casos, a receita monetária), bem como a hipoteca, afetam apenas uma minoria ."* [13]

Um estudo amplo e completo, publicado pela FAO das Nações Unidas em 2003, oferece uma visão aprofundada da agricultura do Afeganistão. Como esse estudo veio logo após a vitória dos Estados Unidos e da OTAN, ele refletia as relações sociais no país antes do longo período de duas décadas de ocupação ocidental.[14]

A grande maioria das famílias rurais no Afeganistão são famílias agrícolas (83,7%). As famílias que ganham um salário, mas não trabalham na agricultura e não têm trabalho autônomo não agrícola, constituíam 11,3% das famílias rurais. Esse número indica que existe uma pequena camada de trabalhadores rurais que não possui terra. [15]

De acordo com o estudo da FAO, o Afeganistão tem cerca de 1,28 milhão de fazendas com terras aráveis. Como em outros países capitalistas, a terra é distribuída de maneira muito desigual, onde uma pequena minoria possui grandes quantidades de terra, enquanto a maioria das fazendas é apenas pequena. Um dos autores do estudo supracitado resume os resultados da seguinte forma: *"A maioria das fazendas no Afeganistão são realmente muito pequenas. Apenas uma pequena fração das propriedades agrícolas (13,7%) tem uma área de mais de 10 hectares de terra arável, irrigada ou sequeiro, que cobre 44,5% de toda a terra arável. Aproximadamente 73% das fazendas têm menos de 5 hectares, controlando apenas 22,8% das terras. Mesmo que grandes propriedades não sejam comuns no Afeganistão, há uma quantidade significativa de terra nos grupos maiores de fazendas. Os 4,9% superior das fazendas, com áreas maiores que 20 hectares, respondem por 39% da terra arável total (30,4% da terra irrigada e 46,4% da terra de sequeiro) (...). Quase metade dos agricultores, com propriedades inferiores a 2 hectares cada, controla apenas 7,5% do total de terras aráveis."* <sup>[16]</sup>

Essa distribuição desigual de terras tem fortes semelhanças com muitos outros países capitalistas pobres do Sul da Ásia e da África Subsaariana, como mostram as Tabelas 1 e 2.

**Tabela 1. Afeganistão: Porcentagem de Distribuição de Fazendas tamanho de Terras Aráveis, 2002-03 [17]**

<i>Tamanho das Fazendas</i> <i>(em Hectares-Ha)</i>		<i>Terras aráveis (Hectares)</i>
Total	100.0%	100.0%
Abaixo de 0.50 Ha	15.8%	0.9%
0.50-0.99 Ha	13.4%	1.8%
1.00-1.99 Ha	18.6%	4.8%
2.00-4.99 Ha	25.2%	15.2%
5.00-9.99 Ha	13.4%	17.7%
10.0-19.9 Ha	8.3%	20.6%
20.0-49.9 Ha	4.4%	23.9%
50.0-74.9 Ha	0.6%	7.1%
75.0-99.9 Ha	0.2%	2.7%
100+ Ha	0.2%	5.2%

**Tabela 2. Número e área de fazendas por classe de tamanho de terra no sul da Ásia e na África Subsaariana [18]**

Sul da Ásia	< 1 ha	1-2 ha	2-6 ha	6-10 ha	10-20 ha	20-60 ha	60-200 ha
Proporção das fazendas (%)	69.1	16.8	11.3	2.2	0.5	0.1	0.0
Proporção da agricultura (%)	23.9	21.5	29.7	13.3	6.5	3.9	1.2
África subsaariana							
Proporção das fazendas (%)	52.0	21.8	18.9	4.3	3.2	0.4	0.3
Proporção da agricultura (%)	11.5	16.2	29.4	17.8	9.0	4.6	10.5

No entanto, também existem países na região com uma distribuição de terras muito mais desigual. Por exemplo, no vizinho Paquistão, os 5% mais ricos entre os proprietários de terras possuem 64% do total de terras agrícolas, enquanto os camponeses com pequenas propriedades, que representam cerca de 65% dos proprietários de terras, possuem apenas 15% dessas terras. Ao mesmo tempo, mais da metade das famílias rurais (50,8%) não tem terra. [19]

Pelo contrário, a maioria dos camponeses do Afeganistão possui suas terras. *“A característica mais marcante aqui é que 86,5% das fazendas, que representam 82,9% das terras agricultáveis, são operadas por seus proprietários sem qualquer tipo de arrendamento, sem dar a terra a terceiros ou alugar a terra. A outra pessoa.”* [20] Em outras palavras, 8-9 em cada 10 camponeses trabalham em suas próprias terras, mas não emprestam terras a terceiros nem trabalham para nenhum proprietário. *“A desigualdade existente não se deve à proeminência de algumas propriedades muito grandes, em sua maioria arrasadas pela guerra e reforma agrária, nem a uma grande proporção de famílias sem-terra, mas à prevalência generalizada de fazendas muito pequenas e capazes de fornecer apenas uma fração das necessidades alimentares de uma família e pouca renda em dinheiro, se houver.”* [21]

Isso significa que a ideia da existência de relações feudais de classe é simplesmente um mito sem relação com a realidade de classe no Afeganistão. O estudo da FAO afirma: *“Outro ponto interessante é que há muitos poucos casos de pagamento de trabalho a proprietários de terras, indicando que o trabalho escravo ou formas relacionadas de trabalho escravo são praticamente inexistentes.”* [22]

Isso não significa que a posse de terra não exista no Afeganistão. No entanto, não é um fenômeno generalizado. *“Os proprietários que também tomam algumas terras de outras pessoas representam 10,3% das fazendas que compõem 11,6% do total das terras agricultáveis.”* [23] A maioria dos meeiros e inquilinos não depende exclusivamente dessa renda. *“Uma característica particular dos dados da pesquisa é a escassez relativa de inquilinos em geral e de inquilinos puros (sem-terra própria) em particular. Apenas cerca de 27.000 arrendatários puros (representando 2,5% de todos os agricultores) estão representados na amostra (...). Suas fazendas ocupam cerca de 97.000 Ha, ou seja, cerca de 1,5% de todas as terras agricultáveis.”* [24]

A maioria dos inquilinos é forçada obter renda adicional como trabalhadores assalariados. *“A prevalência de salários em famílias agrícolas era alta em todas as categorias de posse, com pico entre os arrendatários puros (96% dos quais tinham renda salarial) e com o valor mais baixo (mas ainda alto) entre os arrendatários. Proprietários agrícolas (entre os quais 54% ganhavam salários) Ao mesmo tempo, 27,7% das famílias agrícolas tinham alguma renda de trabalho autônomo não agrícola, mas aumentou para 52,7% entre os*



*locatários puros. As transferências (principalmente remessas) estiveram presentes em 22,3% dos domicílios agrícolas, mas em 59,3% dos arrendatários puros.*" [25]

Essas relações sociais não são necessariamente relações entre inquilinos e grandes proprietários de terras. *"Outra característica importante é que 4,7% das terras aráveis (ou seja, mais de 300.000 Ha) estão nas mãos de agricultores sob diversos contratos de arrendamento, mas são propriedade de não agricultores, ou seja, proprietários de terras que na realidade não realizam a produção agrícola por si próprios. Esses proprietários não agrícolas não estão necessariamente ausentes. Alguns podem viver na mesma aldeia, mas não cultivam porque são viúvos, idosos, doentes ou incapacitados pela guerra, preferindo confiar as suas terras aos inquilinos. Entre os proprietários ausentes, nem todos são membros de uma classe de proprietários de terras mais poderosa: alguns podem ser apenas parentes ou vizinhos que vivem no exterior e que, entretanto, têm suas terras cultivadas por outra pessoa."* [26]

A grande maioria das famílias de camponeses afegãos vive em condições muito precárias em um pequeno lote de terra que possuem (formalmente ou de fato), mas que não lhes proporciona renda suficiente para ganhar a vida. *"[Uma] grande maioria dos agricultores tem propriedades bem pequenas. O agricultor típico ou médio com menos de 5 hectares de terra arável controla 1,14 hectares de terra irrigada e 0,5 hectares de terra seca, dos quais apenas uma parte pode ser cultivada de cada vez. Esta área de terra não é suficiente para alimentar uma família de 11 pessoas [o tamanho médio de uma casa de camponês, Ed.], E esta situação afeta mais de 730.000 fazendas, quase 70% de todas as fazendas."* [27] Apenas uma pequena minoria, cerca de 16% das famílias agrícolas, não tem fonte de renda não agrícola (salários, trabalho autônomo não agrícola e transferências) e parece ser capaz de viver presumivelmente apenas na fazenda. [28]

Portanto, essas famílias camponesas pobres são forçadas a ganhar dinheiro vendendo produtos de sua agricultura, emprestando dinheiro, recebendo remessas de parentes que emigraram para o exterior ou, mais importante, conseguindo um emprego como diaristas. O estudo da FAO mencionado acima relata: *"Em particular, 60,8% de todas as famílias agrícolas têm alguma renda do trabalho assalariado. As necessidades de dinheiro também são atendidas por meio de relações financeiras informais: cerca de metade das famílias havia recebido um empréstimo no ano anterior à pesquisa e um número considerável recebeu remessas. A renda monetária é quase universal. As fontes de renda informadas indicam que 96% dos agricultores possuem alguma forma de renda monetária. É quase certo que a minoria remanescente de menos de 4% também tem alguma fonte de dinheiro que não foi informada. Como apenas cerca da metade vende produtos agrícolas e 96% têm renda monetária, a maioria dos agricultores tem renda monetária não agrícola. A produção dos agricultores que vendem safras específicas é de quase 23%. Isso inclui vendedores de trigo, mas também vendedores de outras safras que não vendem trigo. A diferença vem das modestas safras comerciais cultivadas pelos fazendeiros afegãos, como melão ou algumas leguminosas. As fazendas com qualquer forma de receita da venda de produtos agrícolas respondem por 56% das fazendas, incluindo fazendas que relatam venda de safras, venda de animais, ou ambas, e outras vendas, muitas das quais são supostamente produtos agrícolas, como ovos, peles, ou lã como melões ou alguns legumes.* [29]

Dadas as condições capitalistas atrasadas no campo, a maioria dos membros das famílias rurais que trabalhavam por salário fazia trabalhos ocasionais e *"menos de um quinto deles tinha um trabalho assalariado regular."* [30]

Segundo relatos dos camponeses, cerca de um quinto recebe remessas. Porém, como explicam os autores do estudo da FAO, *"o percentual real deveria ser maior, pois há uma tendência de ocultar essa fonte*

*de receita. Com milhões de afegãos vivendo no exterior, e não apenas em países vizinhos, as remessas são uma importante fonte de renda para muitos."* [31]

Devido às más condições de vida, muitos camponeses são forçados a se endividar. O estudo da FAO relata que *"Na primeira metade os agricultores contraíram novas dívidas em 2002, e cerca de 60% estavam endividados no momento da pesquisa."* [32] No entanto, isso não significa automaticamente que esses camponeses estão em dívida com grandes proprietários de terras ou capitalistas financeiros. *"Os credores, no entanto, são em grande parte parentes dos devedores. Aproximadamente 41% dos devedores devem dinheiro apenas a parentes, fazendo um total de 60% dívidas apenas a parentes ou em combinação com outros credores. Outra grande categoria de credores é "outro membro da aldeia" (21% dos devedores, dos quais 9% sozinhos, 9% junto com parentes e 3% em outras combinações). Isso indica que praticamente a grande maioria dos devedores deve dinheiro a um parente ou outro membro da mesma aldeia."*[33]

Em suma, a massa de famílias de camponeses afegãos possui um pequeno pedaço de terra que não fornece comida suficiente para ganhar a vida. Portanto, os membros da família são forçados a ganhar renda como trabalhadores assalariados (ou por meio de outras formas de trabalho autônomo não agrícola). Outra forma de renda é que os membros da família se mudem para o exterior e trabalhem como migrantes (geralmente diaristas) e enviem algum dinheiro para casa.

Portanto, podemos dizer que a maioria dos camponeses afegãos têm uma existência de classe mista ou mesclada com uma mistura de características semi-pequeno burguesas e semiproletárias. Eles representam uma camada comum grande e empobrecida. Um dos autores do estudo da FAO faz uma observação acertada, apesar de abordar a questão não do ponto de vista marxista, mas do ponto de vista do sociólogo burguês: *"Ser agricultor costuma coexistir com pessoas da família que trabalham como assalariados, ou que têm algum trabalho autônomo não agrícola, como duas facetas do mesmo modo de vida camponês. Não há uma divisão clara entre a força de trabalho assalariada rural e a população camponesa rural. A grande maioria (63%) das famílias agrícolas no Inquérito de Inverno de 2003 relatou alguma renda salarial monetária durante 2002. Isso indica uma profunda penetração nas relações do mercado de trabalho no interior do Afeganistão."* [34]

Portanto, repetimos, as relações de classe do Afeganistão no campo não são principalmente de caráter feudal, mas sim de caráter capitalista atrasado e subdesenvolvido.

### **As Mulheres Afegãs se Beneficiaram com a Ocupação Americana?**

É bem sabido que a opressão das mulheres no Afeganistão é severa e tem uma longa tradição. Na verdade, os imperialistas ocidentais - e seus papagaios liberais e de "esquerda" - referem-se a este fato como uma justificativa para as duas décadas de ocupação do país. Aqui, novamente, temos a ideologia orientalista-imperialista dos "afegãos atrasados" e dos "homens afegãos misóginos" que exigem o esclarecimento violento de seus mestres ocidentais.[35]

No entanto, para as potências imperialistas, a libertação das mulheres nunca foi um problema e só os tolos ingênuos podem criticá-las por terem *"traído"* as mulheres afegãs. Não, os imperialistas simplesmente agiram de maneira imperialista, que surpresa! Quanto à esquerda oportunista, esta

crítica ingênua só trai a) suas ilusões, pois parece que a retórica imperialista foi levada a sério e b) sua total falta de compreensão das raízes sociais e econômicas da opressão das mulheres.

Começamos referindo-nos a algumas cifras das Nações Unidas. A ONU publica regularmente o chamado *Relatório do Desenvolvimento Humano* que, do ponto de vista do sociólogo burguês, oferece uma visão geral do desenvolvimento social global. Este relatório inclui, entre outros, o chamado “Índice de Desigualdade de Gênero”, uma “ medida composta que reflete a desigualdade de desempenho entre mulheres e homens em três dimensões: saúde reprodutiva, empoderamento e mercado de trabalho.” [36]

Infelizmente, o Relatório de Desenvolvimento Humano passou a incluir o Afeganistão apenas em sua versão de 2009, fornecendo dados para o ano de 2007. A última edição deste relatório vem do ano passado e contém dados para o ano de 2019. Portanto, embora não possamos fornecer números para o período anterior ao início da ocupação americana, é possível, no entanto, ver a evolução da situação das mulheres afegãs ao longo de 12 anos de “benefícios” imperialistas. De acordo com as questões mencionadas no *Relatório de Desenvolvimento Humano* do PNUD, o Afeganistão estava classificado em 154 (de 155 países na lista) em 2007. [37] 12 anos depois, o país estava classificado em 157 (de 162 países).[38]

Portanto, mesmo se tomarmos os números oficiais das Nações Unidas, ou seja, a mesma instituição que sancionou oficialmente a invasão e ocupação imperialista do Afeganistão em 2001, dificilmente podemos ver um desenvolvimento progressivo da situação das mulheres afegãs em comparação com os desenvolvimentos. países.

Esta é também uma conclusão para a qual os investigadores analisaram a situação das mulheres afetadas por entrevistas pessoais e relatórios de duas organizações conhecidas: a Associação Revolucionária de Mulheres do Afeganistão e a *Human Rights Watch*.

*“Com o fim oficial da guerra (em 2001, Ed.), Surgiram novas formas de misoginia e violência sexual e de gênero (VSG). O contexto ‘pós-guerra’ apresenta uma normalização institucional da violência, favorecendo uma cultura de estupro e impunidade. As novas estruturas do VSG aparecem como mutilação genital feminina dentro do casamento, autoimolação, prostituição forçada, ataques com ácido, mutilações de partes do corpo perpetradas por maridos e o aumento da violência doméstica em parte devido ao aumento do consumo de ópio, mas também pela presença de poderosos senhores da guerra em instituições governamentais.” [39]*

Eles também citam um estudo publicado em 2015 que estima *“que nove em cada dez mulheres afegãs enfrentam violência física, sexual ou psicológica.” [40]*

A ocupação imperialista não apenas nada fez para superar as condições socioeconômicas de pobreza e desenvolvimento atrasado. Também promoveu acontecimentos que agravaram a situação das mulheres. Entre eles estava o fato de que os principais aliados das forças de ocupação dos EUA e da OTAN eram os líderes da chamada “Aliança do Norte.” Eram os mesmos senhores da guerra responsáveis pela terrível guerra civil de 1992-96, um dos capítulos mais devastadores da história moderna do Afeganistão. Naquele período, esses senhores da guerra aterrorizaram o país em geral e Cabul em particular. *“Cabul enfrentou uma grave crise alimentar no inverno de 1992-1993, quando Hezbi Islami impôs um bloqueio às remessas do sul e do Paquistão. Ao todo, no primeiro ano do governo Mujahideen, cerca de 30.000 civis foram mortos em Cabul e 100.000 ficaram feridos, principalmente por foguetes de Hekmatyar. Em 1996, o total de mortes de civis em Cabul provavelmente chegou a 50.000.” [41]* De acordo com algumas estimativas, cerca de 80.000 civis perderam suas vidas neste período em todo o país.

Este foi um período particularmente horrível para as mulheres. *“O governo islâmico proclamado pelos Mujahideen quando eles entraram em Cabul em 1992 começou a impor restrições às mulheres. As mulheres tinham que cobrir suas cabeças em público; pior ainda, eles se tornaram alvos tentadores para vingar ataques étnicos e políticos. Entre 1992 e 1996, as mulheres de Cabul foram especialmente vulneráveis porque a cidade foi dividida entre os senhores da guerra. Muitas foram sequestradas, estupradas, torturadas e forçadas a se casar por facções rivais. Milhares de viúvas de guerra, muitas vezes o único ganha-pão de suas famílias, estavam com medo de deixar suas casas.”*[42]

Como esses senhores da guerra eram os principais aliados do imperialismo dos EUA e da OTAN durante a invasão do Afeganistão em 2001, eles voltaram ao poder. *“Pouco depois do colapso do Taleban, a coalizão liderada pelos EUA tentou estabelecer um novo governo no Afeganistão com base em sua aliança com os Mujahideen. Assim, os líderes Mujahideen desempenharam um papel importante na Conferência de Bonn em dezembro de 2001, onde o governo de transição foi formado. Naquela época, os Estados Unidos instalaram os senhores da guerra no poder, pretensamente buscando a democracia. Os crimes, atrocidades e especialmente a violência contra as mulheres que estes grupos cometeram durante a guerra civil foram simplesmente ignorados pelas forças de ocupação da OTAN. Os mujahideen receberam cargos importantes no governo, dominando a maioria dos assentos no Parlamento. Essas circunstâncias forneceram uma oportunidade de ouro para os senhores da guerra afegãos estabelecerem a impunidade entre si. Consequentemente, a justiça morreu para o povo afegão.”* [43]

Um relatório interessante publicado recentemente em *The New Yorker* baseado em uma série de entrevistas com mulheres rurais no sul do Afeganistão confirma que se a vida das mulheres rurais sob o Talibã era ruim, piorou sob o regime! *“Quando pedi a Shakira e outras mulheres no vale que refletissem sobre o governo do Taleban, elas não quiseram julgar o movimento por algum padrão universal, apenas pelo que havia acontecido antes. “Eles eram mais suaves”, disse Pazaro, a mulher que morava em uma cidade vizinha. “Eles estavam nos tratando com respeito.” As mulheres descreveram suas vidas sob o Talibã como idênticas às suas vidas sob Dado e os Mujahideen, exceto os estranhos que invadiram os portões à noite, os postos de controle mortais.”*[44]

Portanto, depois de 2001, a versão extrema da política social reacionária do Taleban, que proibia ou pelo menos restringia severamente o acesso das mulheres à educação e ao público em geral, não estava mais em vigor oficialmente. No entanto, isso foi substituído pela transferência das províncias para os senhores da guerra e seus subordinados, resultando em maus-tratos generalizados, estupro e assassinato de mulheres. *“Em março de 2005, a Human Rights Watch, um grupo de defesa com sede nos EUA, acusou ex-senhores da guerra agora instalados como governadores provinciais e oficiais da polícia de alto escalão ‘estarem implicados em estupro generalizado de mulheres e crianças, assassinato, detenção ilegal, deslocamento forçado, tráfico e casamento forçado.’* [45]

O governo desses senhores da guerra, os representantes locais das forças de ocupação dos Estados Unidos e da OTAN, também teve outras consequências com consequências devastadoras para as mulheres. Embora o Talibã tenha implementado uma forma centralizada (retrógrada e patriarcal) de lei e ordem, o governo das forças e senhores da guerra da OTAN criou uma situação "sem lei" com várias gangues e milícias locais usando suas armas para aterrorizar a população em geral. e mulheres e crianças em particular. *“Relatórios e notícias da RAWA, da Al-Jazeera English e da agência de notícias afegã mostraram uma crescente normalização do abuso sexual em todas as esferas da sociedade. Recentemente, o abuso infantil também se tornou parte das notícias ‘cotidianas’: ‘O abuso sexual e o estupro de crianças têm sido galopantes no Afeganistão, especificamente no norte do país’, já que a mesma notícia apresentava o caso de um*

garoto de 3 anos de idade gravemente ferido abusado sexualmente por um menino de 14 anos. A violência doméstica aumentou desde o fim supervalorizado do regime talibã: também está relacionada com aqueles que têm armas. Muitas mulheres em casas seguras mencionaram que, depois de escapar da violência doméstica, sua família ou parentes buscavam o apoio dos comandantes quanto ao seu "desrespeito" às formas de violência "legitimadas" pela tradição." [46]

Portanto, os liberais ocidentais e seus papagaios de esquerda estão completamente errados se julgarem a situação das mulheres apenas olhando para Cabul. Para a maioria das mulheres afegãs, que vivem no campo, a vida piorou sob a ocupação da OTAN. Entrevistas com mulheres afegãs que vivem no Sul no ensaio mencionado na *The New Yorker* confirmam isso: "Em Sangin, sempre que levantava a questão do gênero, as mulheres da aldeia reagiam com escárnio. "Eles estão dando direitos às mulheres de Cabul e estão matando mulheres aqui", disse Pazar. "Isso é justiça?" Marzia, de Pan Killay, me disse: "Isso não é 'direito das mulheres' quando você está nos matando, matando nossos irmãos, matando nossos pais." Khalida, de uma vila próxima, disse: "Os americanos não nos trouxeram nenhum direito. Eles simplesmente vieram, lutaram, mataram e partiram." [47]

Isso também foi confirmado por outro estudo. "Para os observadores estrangeiros, uma curiosidade do novo governo do Taleban foi o Departamento Geral para a Preservação da Virtude e a Eliminação do Vício, que estabeleceu padrões morais rígidos na vida diária. Um esquadrão de mais de 30.000 pessoas foi responsável por fazer cumprir o serviço religioso, o código de vestimenta e a proibição de entretenimento como televisão, música ou empinar pipas. Todas as mulheres eram obrigadas a usar burcas (roupas da cabeça aos pés) e eram proibidas de aparecer em público, a menos que acompanhadas por um parente próximo do sexo masculino. O edital mais polêmico foi a proibição das meninas de frequentar a escola. O impacto das restrições foi sentido mais profundamente nas áreas urbanas, onde as mulheres tinham maior acesso à educação e oportunidades de emprego, em contraste com o campo. As restrições foram aplicadas por meio de punições públicas, incluindo espancamento de mulheres em público. Por outro lado, a mudança positiva foi sentida principalmente na área de segurança. As estradas ficaram livres de elementos criminosos e as viagens tornaram-se possíveis, mesmo à noite. Uma pesquisa de 1997 com 120 mulheres em um campo de refugiados perto da cidade de Jalalabad mostrou que as mulheres se sentiam muito mais seguras sob o Talibã do que sob o regime anterior. A administração draconiana da justiça, por meio do estabelecimento de tribunais islâmicos que julgavam crimes e disputas privadas, contribuiu consideravelmente para a segurança e a ordem gerais. Os assassinos foram submetidos a execuções públicas e os ladrões a amputações públicas." [48]

## **Uma Reflexão: O Aumento do Cultivo de Ópio no Afeganistão Após a Derrubada do Talibã em 2001**

Essa situação foi agravada por outro acontecimento que reflete, mais uma vez, que o domínio da OTAN e dos senhores da guerra não resultou em progresso social para o Afeganistão: o rápido aumento da produção e do consumo do ópio. Como é bem sabido, o Talibã proibiu e erradicou amplamente a produção de ópio em 2000.

No entanto, essa política foi radicalmente revertida com a derrubada do Talibã e o início da ocupação norte-americana. Os novos senhores imperialistas estavam interessados em fornecer a seus representantes locais uma base lucrativa para aumentar sua riqueza. Portanto, os senhores da guerra

locais aproveitaram a oportunidade para reviver o negócio maligno que o Talibã havia erradicado. (A propósito: não seria surpreendente se escândalos fossem divulgados sobre o envolvimento das forças de ocupação dos Estados Unidos no comércio de ópio, como foi o caso no Sudeste Asiático durante a Guerra do Vietnã!)

A Tabela 3 demonstra isso muito claramente. Depois que o Talibã proibiu a produção de ópio, ela diminuiu rapidamente e, em 2001, o último ano do domínio do Taleban, foi amplamente erradicado, pois apenas 185 toneladas métricas foram produzidas. No entanto, quando a ocupação americana começou e os senhores da guerra tomaram o país, a produção de ópio aumentou dramaticamente. Em um único ano, a produção de ópio aumentou mais de 18 vezes, de acordo com números oficiais das Nações Unidas! Desde então, aumentou ainda mais. Sem dúvida, a ocupação ocidental foi um maná do céu para os produtores de ópio e narcotraficantes.

**Tabela 3. Produção de ópio no Afeganistão, 1999-2020 (em toneladas métricas) [49]**

Ano	1999	2000	2001	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018	2020
Toneladas													
Métricas	4,565	3,276	185	3,400	4,200	5,300	5,900	3,600	3,700	6,400	4,800	6,400	6,300

Os autores de um livro sobre a história do Afeganistão observam: *“Depois de 2001, a produção de ópio disparou mais uma vez, de apenas 185 toneladas em 2001 (quando a produção foi diminuída pela proibição do Talibã) para 2.700 toneladas no ano seguinte e quase recorde de 4.200 toneladas em 2004, constituindo espantosos 87 por cento da produção mundial.”* [50] Em outras palavras: os ocupantes imperialistas ajudaram a tornar o Afeganistão a força motriz da produção mundial de ópio! Vale lembrar que, segundo a Organização Mundial da Saúde, cerca de 500 mil pessoas morrem a cada ano por uso de drogas. Mais de 70% dessas mortes estão relacionadas aos opioides! [51]

Esse aumento na produção de ópio tem consequências enormes para as mulheres. À medida que o número de homens viciados em drogas aumenta drasticamente, a violência doméstica contra as mulheres também aumenta enormemente. Embora não existam números concretos, os pesquisadores não têm dúvidas sobre esse desprezível desenvolvimento. *“Recentemente, a violência contra as mulheres sofreu mudanças à medida que a ocupação do Afeganistão permitiu um terreno fértil para o consumo de ópio e inevitavelmente causou uma mudança radical das masculinidades militarizadas em busca de outras fontes de poder geralmente encontradas no corpo das mulheres. Hoje, o cenário doméstico não representa mais um lugar seguro para as mulheres, pois a guerra politizou e militarizou também a esfera privada. As inseguranças e práticas misóginas que foram construídas durante a era do Taleban não desapareceram. Pelo contrário, a injeção de dólares para reconstruir a sociedade, sem um compromisso sério de desnaturar a violência física e psicológica, tem fomentado novas formas de insegurança para as mulheres afegãs, significando outras formas de violência sexual.”*[52]

O Taleban repetidamente chamou a atenção para o fato de que, embora suprimisse a produção do veneno mortal, os ocupantes imperialistas fizeram do Afeganistão o centro da produção mundial de

ópio. “Antes da ocupação dos EUA, o Emirado Islâmico podia erradicar o cultivo de drogas a zero, mas agora, sob a ocupação dos EUA, o Afeganistão quebrou o recorde mundial de cultivo e exportação de drogas.” [53]

Embora a ocupação americana tenha permitido um período glorioso para os traficantes de drogas, aquela era de ouro poderia ter acabado. De acordo com os últimos relatórios do Wall Street Journal e outros meios de comunicação, o Taleban já iniciou esforços para proibir o cultivo de papoula imediatamente após assumir o poder em agosto de 2021. [54]

## A Opressão das Mulheres: O Exemplo do Casamento Infantil

Vamos agora abordar brevemente outra característica da opressão das mulheres: o casamento infantil. Infelizmente, esse câncer está disseminado no Afeganistão há séculos. No entanto, isso não foi causado pelo Talibã nem tem nada a ver com o Islã. Na verdade, esse é um fenômeno generalizado em países pobres, independentemente da religião. Na Tabela 4, reproduzimos os números da prevalência do casamento infantil em vários países da Ásia e da África. Eles são retirados de um estudo do UNICEF publicado em 2001, ou seja, os números do Afeganistão referem-se à época anterior à invasão do Ocidente, quando o Taleban ainda estava no poder.

**Tabela 4. Casamento infantil em países asiáticos e africanos selecionados, 2001 [55]**

*Adolescentes casados, porcentagem de 15-19 anos casados*

	<i>Rapazes</i>	<i>garotas</i>
<b>País</b>		
<b>África Subsaariana</b>		
<i>República Democrática do Congo</i>	5	74
<i>Níger</i>	4	70
<i>Congo</i>	12	56
<i>Uganda</i>	11	50
<i>Mali</i>	5	50
<b>Ásia</b>		
<i>Afeganistão</i>	9	54
<i>Bangladesh</i>	5	51
<i>Nepal</i>	14	42

Na Tabela 5 reproduzimos uma estatística mais realista que mais uma vez demonstra que a proliferação do casamento infantil não é algo que seja uma característica específica dos países muçulmanos, mas existe em países pobres independentemente da religião que domina.

**Tabela 5. Países com as taxas de prevalência mais altas do casamento infantil, 2020 [56]**

<i>País</i>	<i>Porcentagem</i>
<i>Níger</i>	76
<i>República Centro-Africana</i>	68
<i>Chade</i>	67
<i>Bangladesh</i>	59
<i>Mali</i>	54
<i>Moçambique</i>	53
<i>Burkina Faso</i>	52
<i>Sudão do Sul</i>	52
<i>Guiné</i>	47
<i>Somália</i>	45
<i>Nigéria</i>	43
<i>Malawi</i>	42
<i>Eritreia</i>	41
<i>Etiópia</i>	40
<i>Madagáscar</i>	40
<i>Nepal</i>	40
<i>Uganda</i>	34
<i>República Democrática do Congo</i>	37
<i>Mauritânia</i>	37
<i>Serra Leoa</i>	39

*Legenda: Porcentagem de mulheres de 20 a 24 anos que se casaram pela primeira vez ou se juntaram antes dos 18 anos. Fonte: Bancos de dados globais do UNICEF 2020, baseados em Pesquisas de Grupos de Indicadores Múltiplos (MICS), Pesquisas Demográficas e de Saúde (DHS) e outras pesquisas nacionais.*



Nem é preciso dizer que as potências ocidentais não atacam ou ocupam nenhum outro desses países, pois os “direitos das mulheres” foram apenas uma figura ideológica na agressão imperialista contra o Afeganistão.

No entanto, vemos que a prática bárbara do casamento infantil não é exclusiva do Afeganistão ou dos países muçulmanos. Também existe em países com maioria cristã ou hindu. Com isso, não queremos negar que as normas e costumes sociais desempenham um papel importante para motivar os pais a forçarem seus filhos, principalmente as filhas, a se casarem precocemente. No entanto, esses próprios costumes têm causas sociais e econômicas.

É importante notar que o reconhecimento da relação entre tais costumes e causas sociais e econômicas não se limita aos marxistas, mas também é aceito por vários sociólogos burgueses. Em um de seus relatórios, o UNICEF aponta que em regiões onde a pobreza é aguda, *“uma menina pode ser considerada um fardo econômico,”*[57] Seu casamento com um homem mais velho, ou seja, alguém que poderia ter acumulado alguma riqueza, não só poderia aliviar a família pobre de tal fardo, mas até mesmo pagar-lhes o preço da noiva. Além disso, o casamento em regiões inseguras e violentas pode servir como uma espécie de proteção para as mulheres. Outro relatório da UNICEF sobre o Afeganistão explica: *“Como no Iraque, Síria e Níger, durante a instabilidade, as famílias tendem a casar suas filhas cedo para protegê-las da exploração sexual, manter a honra da família e obter benefícios financeiros.”* [58]

Nem é preciso dizer que as muitas desvantagens do casamento infantil para as vítimas e que seja uma tarefa fundamental de uma futura república socialista operária e camponesa fornecer as condições para a superação dessa bárbara tradição. Mas é importante ter em mente que há razões concretas para essas decisões de pais de setores empobrecidos e que estas têm raízes materiais e econômicas e não são simplesmente fruto da “falta de educação” como muitos intelectuais liberais nos querem fazer crer.

Concluiremos este capítulo discutindo a questão de saber se a proliferação do casamento infantil diminuiu durante as duas décadas de ocupação pelos Estados Unidos e pela OTAN. É difícil responder com exatidão a essa pergunta, pois a validade das pesquisas nesse período é duvidosa. É bem sabido que as pesquisas e enquetes muitas vezes eram realizadas de forma que os pesquisadores conduzissem pesquisas de campo em Cabul, principalmente ou sozinhos, e falassem com as pessoas nas províncias por telefone ou Skype. [59] Isso também inclui a última pesquisa da UNICEF sobre casamento infantil no Afeganistão, publicada em 2018. [60] Naturalmente, isso resultou em uma seleção social unilateral que prejudica os pobres e as massas rurais, a vasta maioria da população afegã.

Portanto, as alegações dos defensores da ocupação imperialista de que a proliferação do casamento infantil foi reduzida são altamente duvidosas. O que se pode dizer com certeza é que, pelos números publicados pela própria Organização das Nações Unidas, praticamente não houve redução. A última pesquisa da UNICEF mencionada acima a partir dos relatórios de 2018. *“42% dos agregados familiares nas 5 províncias inquiridas indicaram que pelo menos um membro do seu agregado familiar foi casado antes dos 18 anos. Isso é um pouco maior do que os dados de pesquisas mais recentes coletados, mas quase em linha com outros dados coletados anteriormente sobre o assunto nos últimos anos. Por exemplo, o AMICS dá uma taxa de 46,3% para mulheres com idades entre 20-59 que foram casadas antes de completar 18 anos, permitindo alguma margem de erro e variação criada por diferentes inquéritos específicos. Tendências semelhantes foram identificadas no DHS 2015 (45% das mulheres e 11% dos homens eram casados aos 18 anos).”* [61]

Se compararmos esses dados com os fornecidos na Tabela 4, vemos que mesmo os números publicados pela própria ONU não indicam uma redução significativa no fenômeno bárbaro do casamento infantil.

### **O Estupro Sistemático de Mulheres e Crianças: Os Senhores da Guerra e seus Protetores Americanos**

Como mencionado acima, o retorno dos senhores da guerra no final de 2001 também marcou o início de um período em que homens poderosos puderam raptar e estuprar mulheres e meninas. <sup>[62]</sup> No entanto, queremos chamar a atenção para outro recurso que é amplamente ignorado em reportagens da mídia sobre o Afeganistão. É o desprezível fenômeno chamado *bacha bazi*, que se traduz aproximadamente como "brincadeira de criança." Este é o termo usado no Afeganistão para o fenômeno generalizado de escravidão e abuso sexual de crianças menores de idade "*por empresários locais poderosos ou ricos e personalidades*", para citar um relatório militar dos Estados Unidos. <sup>[63]</sup> Esses meninos costumam ser forçados a se vestir como meninas e a servir a esses homens como escravos sexuais.

Não estamos falando aqui de iniquidades extraordinárias cometidas pelas "ovelhas negras", mas de uma cultura galopante entre os senhores da guerra, empresários e comandantes afegãos. Há alguns anos, um órgão independente do governo dos EUA divulgou um relatório cobrindo o período de 2010 a 2016 e listando 5.753 casos do que descreve como abusos graves dos direitos humanos pelas forças afegãs. Muitos desses abusos envolvem o chamado *bacha bazi*. Desnecessário dizer que este relatório, sem dúvida, cobre apenas uma pequena amostra de tais abusos.

Até mesmo o relatório de vigilância do governo dos EUA é forçado a admitir: "*A extensão total da agressão sexual de crianças pelas forças de segurança afegãs pode nunca ser conhecida*", disse o relatório Sigar. *Mas dois terços das pessoas e organizações entrevistadas para o relatório recentemente divulgado disseram estar cientes de "incidentes de agressão sexual de crianças ou exploração relacionada pelas forças de segurança afegãs", disse o cão de guarda.*" <sup>[64]</sup>

No entanto, a cultura de estupro generalizada dos lacaios afegãos do imperialismo dos EUA não é o único tópico escandaloso. O outro fato notável é que o comando do Exército dos EUA não apenas estava ciente dessa cultura de estupro, mas instruiu explicitamente seus soldados a tolerá-la! "*As tropas americanas foram instruídas a ignorar o estupro e abuso de crianças pelas forças de segurança afegãs com as quais estavam associadas, de acordo com um relatório divulgado na quinta-feira pelo inspetor geral do Pentágono.*" <sup>[65]</sup> Um repórter do New York Times apontou incisivamente: "*Em 5.753 ocasiões entre 2010 e 2016, os militares dos EUA pediram para revisar as unidades militares afegãs por "graves abusos dos direitos humanos." Se houvesse, a lei dos EUA exigia que a ajuda militar à unidade infratora fosse cortada. Nem uma vez isso aconteceu.*"<sup>[66]</sup>

No entanto, houve incidentes em que soldados americanos intervieram espontaneamente. Nesses casos, o comando do exército os sancionou ou expulsou do exército. "*Os soldados americanos que reclamaram tiveram suas carreiras arruinadas por seus superiores, que os encorajaram a ignorar a prática.*" <sup>[67]</sup>

Existem dois casos famosos que receberam mais atenção da mídia e que demonstram a política das forças de ocupação dos Estados Unidos. Um é o capitão Dan Quinn, oficial das Forças Especiais na época, que espancou um comandante afegão por manter um menino acorrentado à cama como escravo sexual. Em resposta, ele foi dispensado de seu comando! Outro caso é o do sargento de primeira classe Charles Martland, um boina verde altamente condecorado, que foi expulso do exército depois de espancar um comandante da polícia afegã local em Kunduz, que era um notório estuproador de crianças. Ele ficou furioso depois que o comandante afegão sequestrou o menino, estuproou-o e depois espancou a mãe do menino quando ela tentou resgatá-lo. [68]

Dan Quinn, que mais tarde deixou o exército, tira uma conclusão muito apropriada de sua experiência: *"A razão de estarmos aqui é porque ouvimos sobre as coisas terríveis que o Taleban estava fazendo às pessoas, como eles estavam tirando seus direitos humanos ... Mas estávamos colocando no poder pessoas que fariam coisas piores do que o Taleban fez, isso foi algo que os anciãos da aldeia me disseram."* [69]

Seria completamente errado presumir que os fenômenos terríveis de estuproar mulheres e bacha bazi são típicos do "atrasado povo afegão." Na verdade, esses são fenômenos típicos de pessoas com armas e poder, da elite governante, não de pessoas comuns.

É um fato que os Taliban são conhecidos como a única força (pelo menos a única força relevante) que sempre se opôs a esta cultura e tentou erradicá-la. Eles se elogiam por serem duros com o estuproador. *"Em julho de 1994, de acordo com a lenda do Taleban, Omar e 30 de seus alunos responderam aos apelos dos cidadãos oprimidos perto de Kandahar e resgataram duas meninas que haviam sido sequestradas e estupradas por um líder guerrilheiro; ele também interveio quando dois senhores da guerra Kandahari lutaram pelos favores sexuais de um jovem Kandahari."*[70]

Embora não saibamos se essa lenda é verdadeira, a verdade é que o Taleban atacou e reduziu a cultura Bacha Bazi. Até mesmo um jornal acadêmico sobre direito americano teve que reconhecer isso. *"O bacha bazi não é um fenômeno novo. Suas raízes no Afeganistão podem estar ligadas ao final do século 19, embora práticas semelhantes tenham prevalecido na Ásia Central, pelo menos desde o governo do Império Otomano. A prática diminuiu acentuadamente durante o regime extremista do Talibã, um grupo formado no início da década de 1990 por uma facção afegã de mujahideen, lutadores islâmicos que resistiram à ocupação soviética do Afeganistão (1979-89) com o apoio dos Estados Unidos. Paquistão, China, Irã e Arábia Saudita. Em meados da década de 1990, o grupo extremista do Taleban assumiu o controle de Cabul e, mais tarde, do país, enforcingo à força o ex-presidente. Em 2001, uma invasão liderada pelos EUA derrubou o regime do Taleban e o bacha bazi voltou."* [71]

Portanto, não é surpreendente que tal comportamento do Taleban por muitos anos tenha contribuído para torná-los populares entre o povo afegão. *"O problema do bacha bazi não é apenas uma questão de nossos valores culturais conflitarem com seus valores culturais. A maioria dos afegãos fica consternada com esse tipo de comportamento, e tem sido uma ferramenta de recrutamento muito eficaz para o Taleban porque, em geral, esse é um comportamento que o Taleban jamais tolerou."* [72]

Resumindo: o Afeganistão sob ocupação ocidental era um refúgio para estuproadores e traficantes de drogas. Só tolos ignorantes podem se surpreender que ninguém no país estava disposto a defender este regime. Por que os jornalistas liberais e a esquerda oportunista estão surpresos com o fato de muitos afegãos veem a vitória do Taleban como um mal menor?

## O Taleban: Um Movimento Nacionalista Islâmico Pequeno-burguês Enraizado Entre os Pobres Rurais

É bem sabido que o Taleban sempre foi um movimento com um programa social reacionário com consequências nefastas para as mulheres e outras camadas oprimidas. Da mesma forma, eles nunca tiveram uma agenda anticapitalista, nem a luta contra o sistema imperialista fez parte de seu programa.

No entanto, esta não é toda a história e qualquer observador sério, muito menos os marxistas, não deveria se contentar com tais avaliações corretas, mas desequilibradas. A razão para isso é que qualquer movimento político, incluindo o Taleban, deve ser julgado não apenas por seus objetivos ideológicos, mas também por suas atividades práticas nas circunstâncias concretas em que é forçado a operar e evoluir. Portanto, é sempre necessário considerar quais classes estão exercendo pressão sobre um determinado movimento político, contra quais classes eles lutam e em quais classes se baseiam. Uma análise completa de um movimento político só pode ser feita se todos esses fatores forem levados em consideração. No entanto, a maioria das organizações de esquerda falha nisso e, conseqüentemente, chega a conclusões unilaterais e errôneas.

Indicamos em trabalhos anteriores os diferentes objetivos e papéis de várias organizações islâmicas, até mesmo papéis diferentes da mesma organização em diferentes circunstâncias. Em nossas "Teses sobre o Islamismo", escrevemos: *"Uma visão geral das diferentes nuances das correntes e organizações islâmicas mostra que qualquer ideia ou unidade "global" ou internacional de islâmicos é uma ficção, uma mitologização que tanto os ideólogos imperialistas quanto os islâmicos adotam com propósitos reacionários. Na realidade, as diferentes organizações islâmicas não variam apenas em suas atitudes em relação às lutas de libertação nacional, aos regimes, ao governo ou à oposição, ao uso de meios terroristas ou constitucionais. Elas também são organizações nacionais, apoiando-se em classes sociais específicas (ou seções delas). Portanto, são as lutas de classes globais e nacionais que empurram correntes islâmicas, organizações ou movimentos em diferentes direções, o que pode levar uma organização islâmica a se tornar meramente islâmica. As diferentes nuances das forças islâmicas não são categorias impermeáveis ou mutuamente exclusivas. Existem formas transitórias e compostas que podem evoluir de um tipo para outro. Enquanto alguns podem ser expressões diretas das classes dominantes e controlar um aparato estatal em seu nome, outros podem ser baseados nas classes médias desesperadas e na pequena burguesia. Alguns podem até desempenhar um papel de liderança em lutas progressistas."*[73]

Em um panfleto sobre a revolução síria, observamos: *"Naturalmente, existem muitas nuances entre as forças islâmicas. Alguns, como Jamā 'in al-Ikhwān al-Muslimīn (a Irmandade Muçulmana) - tentam combinar a lei Sharia com a democracia capitalista (por exemplo, o governo Mursi no Egito). Outros querem criar um califado reacionário sem instituições democráticas. No entanto, sempre insistimos que os marxistas devem julgar os movimentos islâmicos por seu papel atual em qualquer luta concreta. E, como elaboramos em nossas teses sobre o islamismo, a história mostra que, diante da traição do estalinismo e do nacionalismo burguês, as correntes islâmicas muitas vezes conseguiram se colocar na vanguarda dos movimentos de massa contra as ditaduras e pela libertação nacional. Para dar apenas alguns exemplos, citamos os casos do Egito, Iraque, Afeganistão, Chechênia, Iêmen, etc."*[74]

O Taleban é um exemplo de movimento político que surgiu em 1994 em oposição à guerra civil travada por líderes criminosos locais e tribais. Ao tomarem o poder, eles se tornaram o partido

governante que trabalhava para consolidar o poder da classe dominante com base em uma sociedade capitalista atrasada de um país semicolonial. No entanto, contra suas intenções, eles entraram em confronto com os Estados Unidos, a Grande Potência Hegemônica da época, e com todo o Ocidente imperialista. Finalmente, foram atacados e derrubados pela OTAN no outono de 2001. Assim, de uma só vez, passaram de partido do governo a movimento guerrilheiro operando clandestinamente. Como tal, só poderia sobreviver consolidando e expandindo suas raízes entre as massas rurais. Essa era a única maneira de recrutar novos membros, de obter proteção dos aldeões contra as forças de ocupação e seus aliados locais e de lançar uma insurreição armada.

O simples fato de terem sido um partido governante por apenas um curto período de sua existência e de terem operado como um movimento de guerrilha lutando contra a ocupação imperialista nas últimas duas décadas garantiu que eles tivessem que se estabelecer entre as massas rurais pobres.

Para compreender a natureza específica do Talibã, é fundamental reconhecer as seguintes características. Primeiro, quando surgiram em 1994, eles se diferenciaram de outras forças islâmicas por não dependerem da estrutura tribal. Embora inicialmente (e por um período mais longo) eles dependessem principalmente dos Pasthuns, o maior grupo étnico que representa 40-50% da população do Afeganistão, eles não dependiam de estruturas tribais. Este é um fato muito importante que a maioria dos observadores tende a ignorar.

A independência do Taleban das estruturas tribais teve várias consequências. Primeiro, tornou mais fácil para eles unir pessoas de diferentes tribos e pacificar os conflitos intertribais. Na verdade, eles conseguiram avançar em 1994-1996 com relativa facilidade porque ganharam apoio popular ao convocar as milícias locais para se desarmarem e se unirem sob um estado unificado que fica acima das tribos. Eles podiam fazer isso com alguma credibilidade, pois não eram associados a uma tribo específica. Um analista bem informado já destacou essa característica do Taleban em um estudo publicado em 2009. *“O Taleban é um movimento revolucionário profundamente oposto à estrutura tribal do Afeganistão. Eles promovem os mulás como líderes políticos-chave na sociedade e no estado que procuram criar.”*[75]

A política do Taleban também minou o domínio tradicional dos líderes tribais. Um relatório sobre o primeiro governo do Taleban 1996-2001 afirma: *“Na era do Taleban, a prática do Taleban de inquirir sobre a legitimidade de um comandante local aos olhos de seu eleitorado limitava a influência arbitrária dos comandantes locais. Ao mesmo tempo, a aplicação de justiça rápida a casos de conflito que vinham fervendo por anos sem progresso ou resolução antes da presença do Taleban no Nordeste despojou os anciãos “convencionais” de suas responsabilidades primárias (tradicionais) e muitas vezes os faziam parecer redundante.”*[76]

Claro, o Talibã não defendia um estado moderno como alternativa às estruturas tribais, mas sim um estado teocrático (capitalista) centralizado baseado nos mulás como líderes locais. No entanto, no clima da terrível guerra civil de 1992-1996, isso pareceu a muitas pessoas um mal menor. Nesse período, as milícias locais ergueram postos de controle em todas as estradas, exigiram altos impostos e aterrorizaram a população à vontade. O Taleban ofereceu um modelo que eliminou tudo isso.

Ficar acima das estruturas tribais também permitiu que o Taleban interviesse contra a cultura de estupro de senhores da guerra locais mencionada anteriormente. Como mencionado acima, a chegada das forças de ocupação dos EUA / OTAN resultou em uma reversão disso e um retorno ao sistema de estruturas tribais locais e senhores da guerra. Claro, os imperialistas da época esperavam que isso servisse aos seus interesses e pacificasse o país. *“Quando os líderes do Taleban foram removidos, o governo*

*tribal foi retomado em grande parte do país, especialmente nas áreas pashtun: alguns especialistas dizem que este retorno ao feudalismo, onde os senhores da guerra ganham poder exercendo o poder, contando com as armas. E o pragmatismo em vez de ideologias ou leis escritas poderia colocar em perigo o governo incipiente. Mas outros argumentam que, pelo menos inicialmente, a melhor chance do Afeganistão para a paz é explorar uma infraestrutura tradicional que pode ser instável, até mesmo brutal, mas funciona.” [77]*

### **Uma Reflexão: A Retórica Islâmica-Nacionalista do Talibã em suas Próprias Palavras**

Além disso, a principal atividade do Taleban de 2001 até agora tem sido a luta contra a ocupação dos Estados Unidos e a OTAN. Portanto, eles lideraram uma luta pela independência nacional, e isso também desempenhou um papel fundamental em sua aparição pública. Em suas declarações públicas, o Taleban enfatizou que seu objetivo era a expulsão dos ocupantes estrangeiros e a restauração da independência do país. Naturalmente, tudo isso foi misturado com religião e apelos ao Islã. Para dar apenas alguns exemplos:

*“Vamos juntar as mãos em fraternidade contra o colonialismo ocidental, a injustiça, as atrocidades, a brutalidade, a corrupção e a cultura ocidental da nudez; avançar como uma sólida parede de concreto na direção da revolução popular islâmica.”[78]*

*“Mas na atual jihad contra os Estados Unidos e a OTAN, nenhum país está disposto a apoiar os Mujahideen porque todos têm medo dos Estados Unidos. Também é difícil para as pessoas apoiarem abertamente os Mujahideen como fizeram durante a jihad contra os soviéticos. O povo também está sob pressão dos opressores imperialistas. (...) Em suma, para alcançar os objetivos da jihad (o estabelecimento de um verdadeiro sistema islâmico), é necessário um entendimento e cooperação próximos entre os Mujahideen e nosso povo. Sem a cooperação de nosso pessoal, todos os nossos sucessos e conquistas serão temporários. No momento, uma poderosa potência imperialista preparou planos para conquistar nosso país. Para isso, estabeleceu bases militares e assinou um tratado de segurança com o regime fantoche. Acredito que os colonialistas não mais participarão de uma guerra ativa contra os Mujahideen. Em vez disso, eles usarão suas proezas tecnológicas e as forças do regime fantoche como escudo.” [79]*

*“A paz pode ser alcançada mais facilmente em nosso amado país do que em qualquer outro país ou região, porque nós, afegãos, compartilhamos cinco valores:*

- O Afeganistão é um estado independente e soberano.
- Os afegãos não aceitaram invasões e invasores estrangeiros ao longo de sua história.
- Os afegãos não aceitam uma vida de subjugação nem enganam governos estrangeiros.
- A maioria das pessoas que vivem no Afeganistão são muçulmanas.
- Os afegãos querem um governo islâmico independente.

*Com os pontos acima mencionados em mente, a seguinte agenda de três pontos para a paz deve ser seriamente considerada:*

- Todas as tropas estrangeiras devem se retirar de nosso país.

- Todos os acordos que contradizem nossa soberania, integridade e identidade islâmica do Afeganistão, incluindo acordos de segurança, devem ser declarados nulos e sem efeito.

- Um governo islâmico deve ser estabelecido e a sharia islâmica deve ser totalmente aplicada." [80]

*"Se analisarmos a história do imperialismo, descobriremos que pretextos ilegítimos sempre foram elaborados para justificar invasões. O incidente do World Trade Center em Nova York em 11 de setembro de 2001 é um bom exemplo. Embora a embaixada do Emirado Islâmico em Islamabad imediatamente tenha condenado este incidente durante uma entrevista coletiva após sua ocorrência e negado categoricamente qualquer envolvimento da AIE nele, apenas uma hora se passou antes que as autoridades americanas começassem a fazer acusações e usassem este incidente como um pretexto para invadir nosso país independente. (...) A independência e o estabelecimento de um sistema islâmico são os direitos legítimos da nação muçulmana afegã."* [81]

### **Uma Base Popular como Resultado de Duas Décadas de Luta Anticolonial**

Claro, há uma continuação do Taleban na década de 1990 e do período de luta contra a ocupação após 2001. No entanto, o ser determina a consciência e as condições de duas décadas de luta de guerrilha contra as potências imperialistas. Os ocidentais moldaram a consciência de muitos ativistas, a retórica, o perfil desta organização. Um pesquisador observou: *"Embora alguns paralelos possam ser traçados com o Taleban pré-2001 ao pressionar pela comunidade de legitimidade mais promissora, o Taleban pós-2001 se revela como distinto de várias maneiras, personificado pelo termo neo-Talibã. Ou o novo Talibã para sublinhar o rompimento com o Talibã anterior."* [82]

Na verdade, o papel fundamental do Taleban na luta anticolonial contra os imperialistas ocidentais e seu apelo ao nacionalismo (islâmico) foi a principal razão pela qual eles puderam aumentar seu apoio popular. Até mesmo pesquisas realizadas durante o período de ocupação em áreas controladas pelo governo, onde era muito perigoso expressar abertamente simpatia pelo Taleban, revelaram alto apoio às forças de resistência. *"Em 2001, o Taleban começou a se autodenominar mujahideen para reivindicar a mesma legitimidade de que gozava durante a resistência anti-soviética. De acordo com a pesquisa da Asia Foundation de 2013, 35% dos entrevistados locais simpatizaram com os insurgentes, principalmente porque eles restaurariam a causa afegã. (Como a pesquisa foi realizada principalmente na área controlada pelo governo, os números reais podem ser ainda maiores)."* [83]

Tudo isso significava que o Taleban podia contar principalmente com o apoio das massas rurais pequeno-burguesas e semiproletárias. Essas camadas foram as principais vítimas dos senhores da guerra, da cultura do estupro, do sistema de postos de controle onde as pessoas ficavam aterrorizadas, dos ataques e bombardeios das forças da OTAN, etc. Essas camadas tinham interesse em ver o enfraquecimento das estruturas tribais e a eliminação (ou pelo menos disciplinar) dos senhores da guerra. Essas camadas queriam ver o fim da ocupação imperialista. Essas camadas foram a base a partir da qual o Taleban recrutou dezenas de milhares de combatentes e entre aqueles que "nadavam como peixes."

Aqueles que não reconhecem o papel do Talibã como força de resistência nacional anticolonial que luta contra a ocupação imperialista não conseguem explicar o seguinte: como poderia um movimento guerrilheiro de alguns milhares no início e várias dezenas de milhares depois, com armas primitivas,

sandálias e sem uniformes derrotar as forças combinadas dos mais poderosos exércitos ocidentais e seus representantes locais? Um analista militar ocidental chama a atenção para o desequilíbrio extremo dos dois lados: *“Durante 2009-2013, o Taleban se opôs a uma força muito maior, e a contribuição dos Estados Unidos para a coalizão chegou a mais de 100.000 homens. Com financiamento dos EUA, as forças de segurança afegãs cresceram para mais de 300.000 homens em 2014, e os aliados dos EUA contribuíram com dezenas de milhares de tropas de combate adicionais. Os inimigos do Taleban, principalmente os americanos, tinham uma superioridade imensa em termos de tecnologia e poder de fogo; o poder aéreo, em particular, infligiu pesadas baixas ao Talibã. O Taleban dependia principalmente da tecnologia militar dos anos 1950 e tinha pouca ou nenhuma defesa aérea, exceto metralhadoras pesadas. Durante 2002-14, os grupos de batalha do Taleban costumam sofrer baixas em média de 10 a 20% ao ano. Em 2014, poucos dos que se juntaram à insurgência nos primeiros anos ainda estavam vivos para contar a história. Quase todo mundo ainda nas fileiras, particularmente nas unidades móveis de elite, teria visto muitos de seus camaradas em armas estilhaçados. Independentemente do que se possa pensar do Taleban e sua causa, sua resiliência não deve ser questionada.”* [84]

Como o Taleban puderam derrotar uma força tão avassaladora se eles não tivessem apoio popular e se ao inimigo imperialista não faltasse esse apoio ?!

Um pesquisador que conduziu muitas entrevistas com afegãos, homens e mulheres, na província de Helmand, no sul rural, concluiu que *“muitos Helmandis pareciam preferir o governo do Taleban, incluindo as mulheres que entrevistei. (...) Essa escala de sofrimento era desconhecida em uma metrópole movimentada como Cabul, onde os cidadãos gozavam de relativa segurança. Mas em enclaves rurais como Sangin, os incessantes assassinatos de civis levaram muitos afegãos a gravitar em torno do Taleban. Em 2010, muitas famílias nas aldeias de Ishaqzai tinham filhos no Talibã, a maioria dos quais se reuniram simplesmente para se proteger ou se vingar; o movimento estava mais integrado na vida de Sangin do que nos anos noventa. Agora, quando Shakira e seus amigos falaram sobre o Talibã, eles estavam falando sobre seus próprios amigos, vizinhos e entes queridos.(...) As mensagens da coalizão liderada pelos Estados Unidos tendiam a retratar a rebelião crescente como uma questão de extremistas lutando pela liberdade, mas os documentos da OTAN que obtive admitiam que os Ishaqzais “não tinham bons motivos” para confiar nas forças da coalizão, tendo sofrido “opressão nas mãos de Dad Mohammad Khan” ou Amir Dado. Em Pan Killay, os anciãos encorajaram seus filhos a pegar em armas para proteger a aldeia e alguns abordaram ex-membros do Talibã. Shakira queria que seu marido fizesse algo, ajudasse a proteger a aldeia ou movê-los para o Paquistão, mas ele se opôs. Em uma aldeia próxima, quando as forças dos EUA invadiram a casa de um querido ancião tribal, eles o mataram e deixaram seu filho paraplégico, as mulheres gritaram com seus homens: “Você tem grandes turbantes na cabeça, mas o que você fez? Você nem pode nos proteger. Chamam a si mesmos de homens?”* [85]

É por causa desse apoio popular que o Talibã foi capaz de controlar regiões sem a onipresença de postos de controle e o terror diário do povo, em contraste com o regime da OTAN / senhores da guerra. *“A diferença mais notável entre o país talibã e o mundo que deixamos para trás era a falta de homens armados. No Afeganistão, eu havia me acostumado com policiais de olhos esbugalhados em calças largas, milicianos com máscaras de esquí, agentes de inteligência inspecionando carros. No entanto, raramente cruzamos um posto de controle do Taleban e, quando o fizemos, os combatentes examinaram o carro com relutância.”* [86]

O fato de o Taleban ter sua base social entre as massas rurais pobres também foi reconhecido por vários analistas. *“Na década de 1990, o Taleban afegão era essencialmente um exército camponês, e não uma organização terrorista internacional. Isso é o que eles ainda são, embora os escalões superiores sejam compostos de jihadistas ferrenhos que não querem nenhum acordo com os americanos ou o regime de Cabul.”* [87]



O coronel Anil Athale, um conhecido analista militar indiano, notou recentemente que muitos comentaristas confundem a opinião da classe média em Cabul com a opinião da maioria do povo afegão. *“Se o Afeganistão cair nas mãos do extremista Talibã, temores estão sendo expressos de que isso levará à demanda por um regime islâmico estrito semelhante baseado na ‘Sharia’ no Paquistão. Um ponto que deve ser destacado no caso do Taleban no Afeganistão é sua constituição social. A maioria dos recrutas do Taleban e seu apoio vêm de setores rurais e empobrecidos da sociedade. São as classes médias, principalmente urbanas, que temem e se opõem ao Taleban.”* [88]

## **Afeganistão 2021: Uma Derrota Histórica do Imperialismo Ocidental por Uma Luta de Guerrilha Popular**

A CCRI assinalou repetidamente em suas declarações que os últimos acontecimentos no Afeganistão representam uma derrota histórica para os imperialistas ocidentais. Sabemos que grandes setores da esquerda oportunista o negam. Mas de que outra forma se pode caracterizar a dramática expulsão dos exércitos imperialistas mais poderosos de um dos países mais pobres do mundo pelas mesmas forças que os imperialistas derrubaram há 20 anos e que desde então reprimiram impiedosamente com todas as suas forças. Alta tecnologia, armas e dinheiro disponíveis?

É claro que tal evento histórico deve ter consequências globais. Somente as pessoas mais ignorantes podem negar que tal vitória de uma insurgência guerrilheira deva ter efeitos encorajadores nas lutas de libertação dos povos oprimidos em outros países. Além disso, enfraquece a posição geopolítica do imperialismo dos EUA em relação aos seus rivais das grandes potências, particularmente China e Rússia. Na verdade, os políticos e comentaristas ocidentais mais inteligentes estão plenamente cientes das dimensões históricas de sua derrota.

Vamos apenas dar alguns exemplos. O chefe da política externa da União Europeia, Josep Borrell Fontelles, descreveu a derrota como *“uma catástrofe para o povo afegão, para os valores e credibilidade ocidentais e para o desenvolvimento das relações internacionais.”* [89]

Um conhecido comentarista americano escreveu: *“Obviamente, isto não é Saigon”, disse o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, enquanto helicópteros puxavam americanos que fugiam do telhado da embaixada em Cabul. É incomparavelmente pior para a posição mundial dos Estados Unidos. Como o companheiro de música de Sam Cooke, Blinken não sabe muito sobre história ou geografia. Ao contrário do homem da música, ele não sabe que um e um é igual a dois, ou seja, Rússia e China. Richard Nixon abriu relações diplomáticas com a China três anos antes da queda do Vietnã do Sul, garantindo o acordo tácito da China de não explorar a vitória comunista exportando a revolução para o resto do Sudeste Asiático. A derrota dos Estados Unidos no Vietnã, por mais prejudicial que tenha sido, teve impacto limitado na região. Afeganistão, pelo contrário, atrairá China e Rússia para um papel dominante na Ásia Central e Ocidental.”* [90]

E outro comentarista escreveu no New York Times sobre o declínio do Império Americano: *“[Nosso] fracasso no Afeganistão é mais parecido com os fracassos romanos que ocorreram longe da própria Roma: as derrotas que os generais romanos sofreram nos desertos da Mesopotâmia ou nas florestas alemãs, quando o alcance do império ultrapassou seu alcance. (...) Visto por essa perspectiva, as mais claras derrotas americanas de nossa era imperial, primeiro no Sudeste Asiático na década de 1960 e depois no Oriente Médio e Ásia Central após o 11 de setembro, surgiram da ideia arrogante de que poderíamos fazer o império uma simples extensão do*

*império externo, universalizando arranjos ao estilo da OTAN e aplicando o modelo pós-Segunda Guerra Mundial do Japão e da Alemanha ao Vietnã do Sul, Iraque ou Hindu Kush. (...) Dito isto, derrotas em fronteiras distantes também podem ter consequências mais próximas do núcleo imperial. O império americano não pode ser derrubado pelo Taleban. Mas em nosso império externo, na Europa Ocidental e no Leste Asiático, a fraqueza percebida da América poderia acelerar desenvolvimentos que realmente ameaçam o sistema americano como ele existiu desde 1945, da Entente Germano-Russa ao rearmamento japonês e a invasão chinesa de Taiwan. Inevitavelmente, esses desenvolvimentos afetariam o império interno também, onde uma sensação de declínio imperial acelerado se espalharia por todos os nossos argumentos internos, ampliaria nossas divisões ideológicas já abertas, alimentaria a sensação de arrebentamento e guerra civil iminente. [91]*

Claro, não queremos sugerir que o Taleban tenha uma agenda anti-imperialista. Os eventos, especificamente a invasão e ocupação imperialista, empurraram o Taleban para uma luta anti-imperialista. Da mesma forma, para fazer uma analogia, o movimento nacionalista pequeno-burguês de Fidel Castro também buscou inicialmente relações amigáveis entre Cuba e os Estados Unidos. No entanto, as ações hostis de Washington após a revolução de 1959 os empurraram em uma direção anti-imperialista. [92]

Além disso, o equilíbrio de forças e o processo objetivo agora podem levar o novo governo do Taleban a estabelecer relações econômicas e políticas mais estreitas com o imperialismo chinês e russo.

O conteúdo anti-imperialista da vitória do Taleban não está nem em seu programa nem em seus objetivos. É nas ações que eles derrotaram e humilharam a grande potência imperialista e seus procuradores locais. Esta é uma lição que faz tremer todos os estados opressores ocidentais, que deixou os aliados da América com medo e que faz com que todas as pessoas oprimidas que lutam pela libertação tenham mais confiança! Esses fatos por si só mostram que o Afeganistão 2021 foi uma derrota histórica para os imperialistas ocidentais e uma vitória histórica para os povos oprimidos!

## **Conclusões**

Concluimos este livreto resumindo as ideias principais na forma de um conjunto de teses.

1. É impossível compreender o caráter da guerra entre os EUA / OTAN e o Talibã sem reconhecer o caráter de classe diferente dos países envolvidos. Por um lado, havia as potências imperialistas ocidentais mais fortes, por outro, um movimento de guerrilha que representava as massas populares de um dos países semicoloniais mais pobres.
2. Portanto, a resistência contra a ocupação dos EUA e da OTAN, a luta para expulsar os senhores ocidentais do Afeganistão, foi por sua própria natureza *anticolonial e anti-imperialista em caráter*.
3. Ao longo de 20 anos de guerrilha, o Taleban não foi nem objetiva nem subjetivamente agente de qualquer potência imperialista. Eles estiveram em contato com os Estados Unidos na década de 1990, mas isso obviamente acabou em 2001, se não antes. Tampouco eram agentes do imperialismo russo ou chinês, embora a direção do Taleban tenha buscado uma "normalização" de suas relações com essas potências por simples razões de sobrevivência econômica. Na verdade, o Talibã tem contato

e apoio limitados de setores do serviço secreto do Paquistão. Mas isso nunca foi uma característica significativa da luta de resistência e, além disso, o próprio Paquistão é um país semicolonial bastante atrasado.

4. É totalmente errôneo afirmar que o Taleban representaria os interesses das forças feudais. Este também é o caso porque as relações de classe no interior do Afeganistão, onde existe um apoio maciço ao Talibã, não podem ser caracterizadas como feudais. Embora exista uma grande propriedade de terras, como em todos os países capitalistas, a maioria dos camponeses afegãos tem seu próprio pequeno lote de terra e não trabalha (ou apenas em um grau limitado) como inquilinos de grandes proprietários de terras. Além disso, a maioria dos pequenos agricultores são pobres e são forçados a obter uma renda adicional como trabalhadores assalariados (ou vendendo produtos básicos no mercado). É esta classe mais comum de camponeses pobres, semiproletários, semi-pequenos burgueses, que formam a base social de massa do Talibã.

5. Ao contrário da propaganda da mídia ocidental, nem o povo afegão em geral, nem as mulheres afegãs em particular se beneficiaram com a ocupação dos Estados Unidos. Os mestres coloniais trouxeram de volta os notórios senhores da guerra, conhecidos por seus assassinatos arbitrários, estupros e corrupção. Adicione a isso a série interminável de ataques e bombardeios mortais das forças da OTAN. Como resultado, cerca de um quarto de milhão de pessoas morreram em 2001-2021. Como diabos isso poderia ter sido um ganho para o povo afegão e suas mulheres?!

6. O caráter reacionário da ocupação imperialista também é evidente se olharmos para as características específicas da opressão social e feminina. Um exemplo disso é a existência contínua e generalizada do casamento infantil. No caso do estupro de mulheres jovens e crianças (bacha bazi), temos visto uma deterioração massiva desde que os senhores da guerra foram trazidos de volta ao poder em 2001 pelos imperialistas ocidentais. Embora o Talibã defenda uma política social e feminina reacionária, eles sempre se opuseram estritamente ao estupro de mulheres e crianças e tentaram erradicar esses males. Na verdade, sua oposição ao estupro e ao bacha bazi foi um fator importante que tornou o Talibã popular.

7. Outro exemplo que demonstra o caráter reacionário e não progressista da ocupação ocidental é a produção de ópio no Afeganistão. Enquanto o Talibã se opôs estritamente e quase erradicou esse mal em 2001, o regime dos chefes de guerra da OTAN fez da produção de ópio seu principal recurso econômico. Como resultado, o cultivo de ópio aumentou dramaticamente nos últimos 20 anos.

8. O Taleban é um movimento nacionalista islâmico pequeno-burguês que empreendeu uma insurreição armada de duas décadas contra as potências imperialistas ocidentais. Eles defendem o estabelecimento de um emirado islâmico em um Afeganistão independente sem ocupação estrangeira. A luta contra a ocupação imperialista e pela independência do seu país desempenhou um papel fundamental na propaganda do Talibã, bem como na sua recepção popular. O papel do Talibã na liderança de uma luta de libertação nacional anticolonial foi decisivo para ganhar amplo apoio entre as massas populares.

9. A luta anti-imperialista travada pelos talibãs nos últimos 20 anos não foi o resultado de sua estratégia ou programa, mas foi imposta a eles pela agressão das potências ocidentais. Agora de volta ao poder, os líderes do Taleban tentarão restabelecer relações políticas e econômicas com a China, a Rússia e talvez também com as grandes potências ocidentais. A forma como tais relações irão evoluir dependerá do desenvolvimento de contradições internas, bem como das políticas das respectivas

Grandes Potências (respectivamente, suas próprias contradições). No entanto, se permanecerem no poder, agirão como uma força burguesa no topo de um país capitalista semicolonial que entra, de uma forma ou de outra, em relações de dependência com uma ou mais grandes potências imperialistas.

10 A expulsão das forças de ocupação ocidentais e seus representantes locais por uma luta de guerrilha vitoriosa com apoio popular maciço representa uma derrota histórica para o imperialismo ocidental e uma vitória histórica para os povos oprimidos em todo o mundo. Deixou as antigas Grandes Potências humilhadas e desacreditadas. Esta é a razão pela qual todos os Estados opressores ocidentais estão tremendo, é por isso que os aliados dos EUA estão com medo, e é por isso que todos os povos oprimidos que lutam pela libertação ganharam mais confiança! Esses fatos por si só mostram que os revolucionários estavam certos ao lado da insurreição armada da resistência nacional afegã, sem fornecer apoio político ao Taleban. Os acontecimentos recentes representam uma derrota para os imperialistas ocidentais e um passo em frente na luta de classes global!

\* \* \* \* \*

[1] A RCIT publicou inúmeros documentos sobre a ascensão da China e da Rússia como o Grandes Potências imperialistas. Eles estão compilados em uma sub-página especial no site da RCIT: <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/chinese-and-russian-imperialism/>. Sobre a China, referimos-nos em particular ao nosso livro de Michael Pröbsting: Anti-Imperialismo na Era Rivalidades das Grandes Potências. Os fatores por trás da rivalidade acelerada entre os EUA, China, Rússia, UE e Japão. Uma crítica à análise da esquerda e um esboço da perspectiva marxista, RCIT Books, Viena 2019, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/livro-o-anti-imperialismo-na-era-da-rivalidade-das-grandes-potencias-conteudo/>. Veja também pelo mesmo autor um ensaio publicado na segunda edição da Enciclopédia Palgrave do Imperialismo e Anti-Imperialismo (editado por Immanuel Ness e Zak Cope), Palgrave Macmillan, Cham, 2020, [https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007%2F978-3-319-91206-6\\_179-1](https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007%2F978-3-319-91206-6_179-1); A transformação da China em uma potência imperialista. Estudo dos aspectos econômicos, políticos e militares da China como Grande Potência (2012), em: Comunismo Revolucionário nº 4, <http://www.thecommunists.net/publications/revcom-number-4>; Como é possível que alguns marxistas ainda duvide que a China se tornou capitalista? (A Crítica do PTS/FT), Uma análise do caráter capitalista das Empresas Estatais da China e suas consequências políticas, 18 de setembro de 2020, <https://www.thecommunists.net/theory/pts-ft-and-chinese-imperialism-2/>; Incapaz de ver a madeira para as árvores (PTS/FT e China). Empirismo eclético e o fracasso do PTS/FT em reconhecer o caráter imperialista da China, 13 de agosto de 2020, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/como-e-possivel-que-alguns-marxistas-ainda-duvidem-que-a-china-se-tornou-capitalista/>. Veja muitos mais documentos RCIT em uma sub-página especial no site da RCIT: <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/chinese-and-russian-imperialism/>. Sobre a Rússia, por exemplo, vários panfletos de Michael Pröbsting: As Características Peculiares do Imperialismo Russo. Estudo dos Monopólios da Rússia, Exportação de Capital e Super-Exploração à Luz da Teoria Marxista, 10 de agosto de 2021, <https://www.thecommunists.net/theory/the-peculiar-features-of-russian-imperialism/>; Rússia e China: Nem capitalistas nem grandes potências? Uma resposta ao PO/CRFI e sua branqueamento revisionista

do imperialismo chinês e russo, 28 de novembro de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/russia-and-china-neither-capitalist-nor-great-powers-reply-to-po-crifi/>; O Fracasso Catastrófico da Teoria do "Catastrotismo". Sobre a Teoria Marxista do Colapso Capitalista e sua Interpretação Equivocada pelo Partido Obrero (Argentina) e seu "Comitê Coordenador para a Refundação da Quarta Internacional", 27 de Maio de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/the-catastrophic-failure-of-the-theory-of-catastrophism/>; A Teoria do Imperialismo de Lênin e a Ascensão da Rússia como uma Grande Potência. Sobre a compreensão e o mal-entendido da rivalidade inter-imperialista de hoje à luz da Teoria do Imperialismo de Lênin. Outra resposta aos nossos críticos que negam o caráter imperialista da Rússia, agosto de 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/>; Rússia como um Grande Poder Imperialista. A formação do Capital do Monopólio Russo e seu Império – Uma Resposta aos nossos Críticos, 18 de março de 2014, em: Comunismo Revolucionário nº 21, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>.

[2] Veja neste, por exemplo, Ben King, Jeremy Singer-Vine: A Guerra afegã, pelos números. Quanto custaram 20 anos de luta no Afeganistão — em dólares e em vidas, 17 de agosto de 2021, <https://www.buzzfeednews.com/article/benking/the-afghan-war-by-the-numbers>

[3] RCIT: Parem a invasão do Afeganistão! 30/09/2001, [https://www.thecommunists.net/theory/afghanistan-invasion-2001/#anker\\_1](https://www.thecommunists.net/theory/afghanistan-invasion-2001/#anker_1). Veja também a compilação de nossos artigos sobre o ataque dos EUA/OTAN no Afeganistão 2001, <https://www.thecommunists.net/theory/afghanistan-invasion-2001/>

[4] LRCI: Perguntas e Respostas sobre a Guerra do Afeganistão, 30/09/2001, [https://www.thecommunists.net/theory/afghanistan-invasion-2001/#anker\\_2](https://www.thecommunists.net/theory/afghanistan-invasion-2001/#anker_2)

[5] Compilamos os documentos da RCIT sobre a derrota imperialista no Afeganistão em uma sub-página especial em nosso webisto: <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/collection-of-articles-on-us-defeat-in-afghanistan/>. Em particular, encaminhamos os leitores a duas declarações-chave que foram traduzidas em várias línguas: Afeganistão: Os Ratos estão fugindo! A queda de Cabul é uma derrota histórica para o imperialismo ocidental e uma vitória para os povos oprimidos! 17 de agosto de 2021, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/afghanistan-the-rats-are-fleeing/>; Afeganistão: O Significado da Vitória Anti-Imperialista e as Perspectivas À Frente. Perguntas e Respostas do Ponto de Vista Marxista, 24 de agosto de 2021, [https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/afghanistan-meaning-of-anti-imperialist-victory-and-perspectives-ahead/#anker\\_4](https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/afghanistan-meaning-of-anti-imperialist-victory-and-perspectives-ahead/#anker_4)

[6] V. I. Lenin: A Revolução Socialista e o Direito das Nações à Autodeterminação (1916); in: LCW 22, p. 147

[7] V. I. Lenin: O Proletariado Revolucionário e o Direito das Nações à Autodeterminação (1915); em: LCW 21, p. 409

[8] Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: O Grande Roubo do Sul. Continuidade e Mudanças na Super-Exploração do Mundo Semi-Colonial pelo Capital monopólio. Consequências para a Teoria Marxista do Imperialismo, RCIT Books, Viena 2013, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAAs/livro-o-grande-roubo-do-sul/>; veja também

o livro acima mencionado por Michael Pröbsting: Anti-Imperialismo na Era da Rivalidade das Grandes Potências.

[9] Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: Semi-Colonial Intermediate Powers and the Theory of Sub-Imperialism. A contribution to an ongoing debate amongst Marxists and a proposal to tackle a theoretical problem, 1 August 2019, <https://www.thecommunists.net/theory/semi-colonial-intermediate-powers-and-the-theory-of-sub-imperialism/>; pelo mesmo autor: The China-India Conflict: Its Causes and Consequences. What are the background and the nature of the tensions between China and India in the Sikkim border region? What should be the tactical conclusions for Socialists and Activists of the Liberation Movements? 18 August 2017 <https://www.thecommunists.net/theory/china-india-rivalry/>; RCIT: Turkey and the Growing Tensions in Eastern Mediterranean. Theses on the complex contradictions between imperialist and regional powers, the Arab Revolution and the consequential tactics of Marxists, 28 August 2020,, <https://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/turkey-and-the-growing-tensions-in-eastern-mediterranean/>.

[10] Watson Institute for International and Public Affairs, Brown University, agosto de 2021, <https://watson.brown.edu/costsofwar/figures/2021/human-and-budgetary-costs-date-us-war-afghanistan-2001-2022>

[11] [11] See on this e.g. RCIT: The China–Pakistan Economic Corridor is a Project of Chinese Imperialism for the Colonialization of Pakistan! 22.1.2017, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/pakistan-cpec/>

[12] Veja Edward W. Said: Orientalismo, Vintage Books, Nova York 1979

[13] Hector Maletta: Aterramento arável no Afeganistão no início da Era Pós-Talibã, em: Estudos Africanos e Asiáticos 6 (2007), p. 48, DOI: 10.1163/156921007X180578

[14] Veja sobre este, por exemplo, Hector Maletta e Raphy Favre: Agricultura e Produção de Alimentos no Afeganistão pós-guerra. Um relatório sobre a Pesquisa Agrícola de Inverno 2002-2003, Cabul, agosto de 2003, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura.

[15] Hector Maletta: Posse de Terras Aráveis no Afeganistão, p. 47

[16] Hector Maletta: Posse de Terras Aráveis no Afeganistão, pp. 26-28

[17] Hector Maletta: Posse de Terras Aráveis no Afeganistão, p. 28

[18] Lowder, S.K., Sánchez, M.V. & Bertini, R. 2019. Fazendas, fazendas familiares, distribuição de terras agrícolas e trabalho agrícola: O que sabemos hoje? FAO Economia do Desenvolvimento Agrícola Trabalho 19-08. Roma, FAO, p. 50

[19] Tariq Farooq: Pequenos agricultores, camponeses, trabalhadores sem-terra e agricultura no Paquistão, 9 de março de 2019, <http://www.europe-solidaire.org/spip.php?article48071>

[20] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, p. 43

[21] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, pp. 29-30

[22] Hector Maletta and Raphy Favre: Agriculture and Food Production in Post-War Afghanistan, p. 103

[23] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, p. 43

[24] Hector Maletta and Raphy Favre: Agriculture and Food Production in Post-War Afghanistan, p. 26

[25] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, p. 45

[26] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, p. 43

[27] Hector Maletta and Raphy Favre: Agriculture and Food Production in Post-War Afghanistan, pp. 22-23

[28] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, p. 47

[29] Hector Maletta and Raphy Favre: Agriculture and Food Production in Post-War Afghanistan, p. 99

[30] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, p. 46

[31] Hector Maletta and Raphy Favre: Agriculture and Food Production in Post-War Afghanistan, p. 100

[32] Hector Maletta and Raphy Favre: Agriculture and Food Production in Post-War Afghanistan, p. 3

[33] Hector Maletta and Raphy Favre: Agriculture and Food Production in Post-War Afghanistan, p. 102

[34] Hector Maletta: Arable Land Tenure in Afghanistan, p. 43

[35] Permito-me acrescentar uma observação pessoal: no decorrer do meu trabalho político nas últimas quatro décadas, visitei quase três dúzias de países, entre eles muitos países semi-coloniais em todos os continentes. Fiz com que a experiência de que em países semicoloniais muitos intelectuais de classe média – geralmente vivendo na capital – tenham um forte desdém pelo "povo rural atrasado". Sem ter consciência disso, eles assimilaram muitos preconceitos orientalistas vindos dos países ricos e imperialistas (aos quais a inteligência nesses países muitas vezes olha com admiração). Embora eu nunca tenha visitado o Afeganistão em si, tenho algumas experiências com intelectuais na região do sul da Ásia. Não tenho dúvidas de que os intelectuais de classe média em Cabul não são diferentes. Na verdade, a notória história do PDAP estalinista depois que chegou ao poder através de um golpe de Estado em 1978 fala uma língua clara! Eles até queriam forçar os muçulmanos a cortar suas barbas! Não surpreende que um setor significativo da pequena classe média em Cabul fossem colaboradores dos ocupantes imperialistas!

[36] UNDP: Human Development Report 2020. The next frontier. Human development and the Anthropocene, p. 364

[37] UNDP: Human Development Report 2009. Overcoming barriers: Human mobility and development, p. 184

- [38] UNDP: Human Development Report 2020, p. 363; see also Table 5: Gender Inequality Index, 2021, <http://hdr.undp.org/en/content/gender-inequality-index-gii>
- [39] Lida Ahmad and Priscyll Anctil Avoine: Misogyny in 'post-war' Afghanistan: the changing frames of sexual and gender-based violence, *Journal of Gender Studies*, 2016, p. 2, DOI: 10.1080/09589236.2016.1210002
- [40] Lida Ahmad and Priscyll Anctil Avoine: Misogyny in 'post-war' Afghanistan, p. 8
- [41] Shaista Wahab and Barry Youngerman: *A Brief History of Afghanistan*, Second Edition, Facts On File, An imprint of Infobase Publishing, New York 2010, p. 208
- [42] *Ibid*, pp. 248-249
- [43] Lida Ahmad and Priscyll Anctil Avoine: Misogyny in 'post-war' Afghanistan, p. 3
- [44] Anand Gopal: The Other Afghan Women. In the countryside, the endless killing of civilians turned women against the occupiers who claimed to be helping them, 6 September 2021, <https://www.newyorker.com/magazine/2021/09/13/the-other-afghan-women>
- [45] Shaista Wahab and Barry Youngerman: *A Brief History of Afghanistan*, p. 261
- [46] Lida Ahmad and Priscyll Anctil Avoine: Misogyny in 'post-war' Afghanistan, p. 10
- [47] Anand Gopal: The Other Afghan Women
- [48] Yoshinobu Nagamine: *The Legitimization Strategy of the Taliban's Code of Conduct Through the One-Way Mirror*, Palgrave Macmillan, New York 2015, p. 15
- [49] Os números são extraídos das seguintes publicações: World Drug Report 2021 (Publicação das Nações Unidas, Sales No. E.21.XI.8), p. 69; Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, Relatório Mundial sobre Drogas 2014 (Publicação das Nações Unidas, Sales No. E.14.XI.7), Anexo I, p. vii; Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, Relatório Mundial sobre Drogas 2004, Volume 2: Estatísticas, p. 205.
- [50] Shaista Wahab and Barry Youngerman: *A Brief History of Afghanistan*, p. 264
- [51] WHO: Opioid overdose, 4 August 2021, <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/opioid-overdose>
- [52] Lida Ahmad and Priscyll Anctil Avoine: Misogyny in 'post-war' Afghanistan, p. 8
- [53] Statement of the Islamic Emirate on the Fifteenth Anniversary of the American Invasion, Al-Emera (website), 6 October 2016, in: Alex Strick Van Linschoten and Felix Kuehn (Editors): *The Taliban Reader. War, Islam and Politics*, Oxford University Press, New York 2018 (Text No. 122)
- [54] Zamir Saar and Paula Bronstein: Taliban Move to Ban Opium Production in Afghanistan, *The Wall Street Journal*, 28 August 2021, <https://www.wsj.com/articles/taliban-afghanistan-heroin-ban-opium-production-11630181316>
- [55] UNICEF: Early Marriage. Child Spouses, *Innocenti Digest*, No. 7 (March 2001), p. 4



[56] Girls Not Brides: <https://atlas.girlsnotbrides.org/map/>

[57] Ibid, p. 6

[58] UNICEF: Child Marriage in Afghanistan. Changing the narrative, 2018, pp. 70-71

[59] See on this e.g. Gilles Dorronsoro: The Taliban's Winning Strategy in Afghanistan, Carnegie Endowment for International Peace, 2009, p. 12

[60] See UNICEF: Child Marriage in Afghanistan, p. 56 and p. 58

[61] See UNICEF: Child Marriage in Afghanistan, p. 56 and p. 21

[62] I want to express my gratitude to comrade Mariano in Bolivia who drew my attention to the significance of this shameful phenomenon.

[63] Kyle Rempfer: DoD IG: US troops were told to ignore child sex abuse by Afghan forces, 17 November 2017, <https://www.militarytimes.com/news/your-army/2017/11/17/dod-ig-us-troops-were-told-to-ignore-child-sex-abuse-by-afghan-forces/>

[64] Emma Graham-Harrison: US military fails to tackle sexual abuse of children by Afghan allies, report finds, The Guardian, 24 January 2018, <https://www.theguardian.com/world/2018/jan/24/us-military-sexual-abuse-children-afghanistan-allies>

[65] Kyle Rempfer: DoD IG: US troops were told to ignore child sex abuse by Afghan forces

[66] Rod Nordland: Afghan Pedophiles Get Free Pass from U.S. Military, Report Says, New York Times, 23 January 2018, <https://www.nytimes.com/2018/01/23/world/asia/afghanistan-militaryabuse.html>

[<https://perma.cc/29S5-ZQG3>].

[67] Rod Nordland: Afghan Pedophiles Get Free Pass from U.S. Military

[68] Rod Nordland: Afghan Pedophiles Get Free Pass from U.S. Military

[69] Quoted in 'We heard them screaming': US troops told to ignore Afghan soldiers abusing boys – report, 21 September 2015, <https://www.rt.com/news/316062-afghan-soldiers-abuse-children/>

[70] Shaista Wahab and Barry Youngerman: A Brief History of Afghanistan, p. 212; see also Steve Coll: Ghost Wars: The Secret History of the CIA, Afghanistan, and Bin Laden, from the Soviet Invasion to September 10, 2001, Penguin Books, New York 2004, pp. 282–83 and p. 292.

[71] Annie Barry Bruton: Bacha Bazi and Human Rights Violations in Afghanistan: Should the U.S. Military Have Done More to Protect Underage Boys? In: Kentucky Law Journal, Volume 108 Issue 1 (2019), p. 181, <https://uknowledge.uky.edu/klj/vol108/iss1/6>

[72] How The U.S. Military Ignored Child Sexual Abuse In Afghanistan For Years, 24 January 2018, <https://www.npr.org/2018/01/24/580433652/how-the-u-s-military-ignored-child-sexual-abuse-in-afghanistan-for-years?t=1630725447188>

[73] Michael Pröbsting and Simon Hardy: Theses on Islamism, adopted by a congress of the League for the Fifth International in January 2011, <https://www.thecommunists.net/theory/theses-on-islamism/>

[74] Michael Pröbsting: Is the Syrian Revolution at its End? Is Third Camp Abstentionism Justified? 5 April 2017, <https://www.thecommunists.net/theory/syrian-revolution-not-dead/>

[75] Gilles Dorronsoro: Taliban's Winning Strategy in Afghanistan, Carnegie Endowment for International Peace, 2009, p. 9

[76] Andreas Wilde and Katja Mielke: Order, stability, and change in Afghanistan: from top-down to bottom-up state-making, *Central Asian Survey*, 32:3 (2013), pp. 359-360, DOI: 10.1080/02634937.2013.843309

[77] Richard Tapper: Tribe and state in Iran and Afghanistan: an Update, in: *Études rurales* 184 (Juillet - Décembre 2009), p. 43, DOI: 10.4000/etudesrurales.10461

[78] Al-Emera (website): Response of the Islamic Emirate to the Victory of the Popular Uprising in Egypt, 14 February 2011, in: Alex Strick Van Linschoten and Felix Kuehn (Editors): *The Taliban Reader*, Text No. 82

[79] Khalil Aziz: A Number Of Important Factors For Jihad, 16 November 2014, in: Alex Strick Van Linschoten and Felix Kuehn (Editors): *The Taliban Reader*, Text No. 102

[80] Al-Emera (website): The Afghan People Wants Peace, Their Enemy War, 20 November 2014, in: Alex Strick Van Linschoten and Felix Kuehn (Editors): *The Taliban Reader*, Text No. 115

[81] Al-Emera (website): 9/11. An Incident and a Pretext, 19 September 2016, in: Alex Strick Van Linschoten and Felix Kuehn (Editors): *The Taliban Reader*, Text No. 120

[82] Yoshinobu Nagamine: The Legitimization Strategy of the Taliban's Code of Conduct Through the One-Way Mirror, p. 25

[83] Ibidem, p. 24

[84] Antonio Giustozzi: *The Taliban at War 2001–2018*, C. Hurst & Co., Londres 2019, pp. 1-2

[85] Anand Gopal: as outras mulheres afegãs

[86] Ibid.

[87] Ahmed Rashid: Talibã. O Poder do Islã Militante no Afeganistão e Além, Nova Edição, I.B.Tauris & Co, Londres 2010, p. 236

[88] Cel Anil Athale: Is Afghanistan the First Domino ?, 25 de agosto de 2021, Indian Defense Review, <http://www.indiandefencereview.com/news/is-afghanistan-the-first-domino/>

[89] Helene Cooper, Lara Jakes, Michael D. Shear e Michael Crowley: In Afghan Withdrawal, a Biden Doctrine Surfaces, New York Times, 4 de setembro de 2021, <https://asiatimes.com/2021/09/afghan-debacle-cedes-eurasia-to-the-dragon-and-bear/>

[90] Spengler: O desastre afegão cede a Eurásia ao dragão e ao urso, 6 de setembro de 2021, <https://asiatimes.com/2021/09/afghan-debacle-cedes-eurasia-to-the-dragon-and-bear/>

[91] Ross Douthat: The American Empire in Retreat, New York Times, 4 de setembro de 2021, <https://www.nytimes.com/2021/09/04/opinion/afghanistan-withdrawal-america.html>

[92] On the history of the Cuban revolution see e.g. Chapter I of our book by Michael Pröbsting: Cuba's Revolution Sold Out? The Road from Revolution to the Restoration of Capitalism, August 2013, RCIT Books, <https://www.thecommunists.net/theory/cuba-s-revolution-sold-out/>